

TRADUÇÃO

Estudando subculturas sexuais: Escavando as etnografias das comunidades gays em contextos urbanos da América do Norte

Gayle Rubin
University of Michigan

Tradução e Revisão:
Carlos Eduardo Henning (Ser-Tão/PPGAS/UFG)
Glauco B. Ferreira (Ser-Tão/PPGAS/PPGACV/UFG)

Resumo

O estudo da homossexualidade e de outras sexualidades não-normativas tem uma longa e distinguível linhagem nas ciências sociais. Este ensaio é uma tentativa de escavar uma parte dessa história, especificamente em termos do estudo etnográfico de gays, lésbicas e de outras populações sexuais minoritárias em áreas metropolitanas da América do Norte, e sugerir algumas das maneiras pelas quais esse conjunto de investigações contribuiu para a articulação de novas teorias e paradigmas da sexualidade do início a meados da década de 1970.

Abstract

The study of homosexuality and other nonnormative sexualities has a long and distinguished lineage in the social sciences. This essay is an attempt to excavate some of that history, specifically in terms of the ethnographic study of gay, lesbian, and other minority sexual populations in the metropolitan areas of North America, and suggest some of the ways in which that body of work contributed to the articulation of new theories and paradigms of sexuality in the early to mid-1970s.

1 *Nota dos Tradutores*: Este artigo foi originalmente publicado em Ellen Lewin e William Leap, eds. “*Out in Theory: The Emergence of Lesbian and Gay Anthropology*” (Urbana: University of Illinois Press, 2002), 17-68. A tradução ao português que aqui apresentamos, no entanto, se baseia em uma versão posterior revista pela autora e publicada como parte do livro de Gayle Rubin “*Deviations: A Gayle Rubin Reader*” (Durham, NC. Duke University Press. 2011).

2 Reiter, *Toward an Anthropology of Women*; Rosaldo e Lamphere, *Women, Culture, and Society*.

3 Ford e Beach, *Patterns of Sexual Behavior*; Ortner e Whitehead, *Sexual Meanings*.

4 *Nota dos Tradutores*: optamos por manter os pronomes de gênero no masculino – por vezes indefinidos em língua inglesa – em boa parte do texto, salvo algumas exceções. Como se verá mais adiante, em categorias êmicas presentes no texto tais como “*transvestites*”, “*female impersonators*” e “*street fairy*” respeitamos também os pronomes eventualmente masculinos conforme constaram no original.

5 Para uma excelente revisão, consultar Weston, “*Lesbian/Gay Studies in the House of Anthropology*”.

Antropologia e Homossexualidade¹

A nossa própria sociedade desaprova qualquer forma de comportamento homossexual para homens e mulheres de quaisquer idades. Nisso ela se difere da maioria das sociedades humanas. Alguns povos se assemelham a nós nesse aspecto, mas um número mais amplo tolera ou mesmo encoraja a homossexualidade para ao menos alguns membros da população. Apesar de algumas barreiras sociais e legais para tal comportamento, as atividades homossexuais realmente ocorrem entre alguns homens e mulheres americanos. – Clellen S. Ford e Frank A. Beach, *Patterns of Sexual Behavior*.

Ao longo de muitas décadas a antropologia teve um papel proeminente, embora inconstante, no estudo das comunidades sexuais e populações eróticas. A antropologia tem sido uma das principais forças nas teorias contemporâneas sobre sexualidade, particularmente nas críticas de gênero e heterossexualidade como universais naturalizados². Os dados etnográficos comparativos auxiliaram a minar a legitimidade moral do preconceito anti-homossexual.³ Os antropólogos⁴ fizeram contribuições substanciais para a literatura das ciências sociais sobre a homossexualidade.⁵ O trabalho antropológico tem auxiliado a abalar as fundações intelectuais dos modelos de variação sexual baseados na noção de “perversão”.

Por boa parte do século XX a prática sexual que divergiu da norma da heterossexualidade básica, em geral monogâmica, preferencialmente conjugal e com possibilidades de procriação, foi concebida não só como indesejável, mas também como fisicamente doentia, socialmente inferior ou sintomática de um problema psicológico. Tais modelos da perversão pressupunham a

patologização da diversidade sexual. Essas suposições de doença e disfunção poderiam ser explícitas ou implícitas, porém eram onipresentes. Elas eram particularmente características das literaturas médicas e psiquiátricas, as quais, por sua vez, eram discursos profissionais hegemônicos sobre a sexualidade.

As ciências sociais - particularmente a antropologia, a sociologia e a história - podem articular com frequência uma tendência intelectual de contrapeso em prol da aceitação da igualdade moral da diversidade social. A antropologia tem propiciado potentes mudanças em direção a um nivelamento ideológico em vários registros, incluindo o sexual, ao se recusar a aceitar as civilizações industriais ocidentais como a medida de referência para as conquistas humanas, ao tratar diferentes sistemas culturais como igualmente legítimos, ao atacar os fundamentos da hierarquização racial e do conceito de raça em si, ao situar pressupostos epistemológicos dentro de referenciais culturalmente específicos, e ao demonstrar como sistemas de valor moral são produzidos por contextos sociais particulares. Na segunda metade do século XX, a antropologia e as demais ciências sociais disputaram com a medicina o controle sobre o estudo da sexualidade, auxiliando a substituir os modelos baseados na noção de perversão por quadros de referência fundamentados na valorização e apreciação da diversidade das práticas culturais humanas.

Apesar disso, a antropologia permanece enredada em seus próprios locais sociais e tem sido consideravelmente menos autorreflexiva a respeito das implicações resultantes de preconceitos de teor sexual do que outras formas de condescendência racionalizada. É irônico que uma disciplina tão influente também tenha sido

6 Tanto Jagose (*Queer Theory*) quanto Turner (*A Genealogy of Queer Theory*) oferecem uma excelente revisão da teoria *queer*, embora nenhum deles aborde a maior parte da literatura discutida neste ensaio.

7 Nota dos Tradutores: a autora no original costuma se utilizar de expressões como “*gay research*”, “*gay history*” para se referir às produções investigativas sobre questões de diversidade sexual e de gênero, sobretudo, no contexto acadêmico anglo-saxão. No entanto, como ficará explícito ao longo deste artigo, Rubin não pressupõe a existência de uma grande narrativa histórica e investigativa linear, relativizando, portanto, a noção mesma de uma “*história gay*” unificada e transcultural.

8 Desde o momento em que este ensaio foi originalmente esboçado, diversas publicações apareceram abordando algumas dessas mesmas questões. Consultar, por exemplo, Epstein, “*A Queer Encounter*”; Stein e Plummer, “*I Can’t Even Think Straight*”; Gagnon, “*Sexual Conduct*”; Nardi e Schneider, “*Kinsey*”, e *Social Perspectives in Lesbian and Gay Studies*; Rubin com Butler, “*Interview*” em “*Deviations*”; Schneider e Nardi, “*John H. Gagnon and William Simon’s Sexual Conduct*”; Simon, “*Sexual Conduct in Retrospective*”; Weeks, “*The ‘Homosexual Role’ After Thirty Years*”; e Weston, *Long Slow Burn*.

estranhamente paroquial em resistir ao estudo da sexualidade. Em particular, as instituições da disciplina muitas vezes falharam em encorajar, e em alguns aspectos obstruíram, a pesquisa sobre a homossexualidade, especialmente em contextos urbanos ocidentais. A resultante discrepância entre as fortes contribuições intelectuais da antropologia e a sua fraca presença institucional nos estudos contemporâneos sobre a homossexualidade e outras populações sexuais têm tido repercussões significativas. Muitos estudiosos que trabalham com questões gays, lésbicas, bissexuais ou transgêneros, por exemplo, supõem que esse tipo de pesquisa se iniciou nos anos 1990, seria derivado quase que inteiramente da Teoria Francesa e estaria localizado principalmente em campos tais como os de línguas modernas e literatura, da filosofia e de estudos filmicos.⁶ Muitos antropólogos, por sua vez, ignoram a extensa história da atenção das ciências sociais às sexualidades e podem pensar na pesquisa gay⁷ como algo realizado sobretudo nos reinos etéreos da crítica estética.

No entanto, o estudo da homossexualidade e de outras sexualidades não-normativas tem uma longa e distinguível linhagem nas ciências sociais. Este ensaio é uma tentativa de escavar uma parte dessa história, especificamente em termos do estudo etnográfico de gays, lésbicas e de outras populações sexuais minoritárias em áreas metropolitanas da América do Norte, e sugerir algumas das maneiras pelas quais esse conjunto de investigações contribuiu para a articulação de novas teorias e paradigmas da sexualidade do início a meados da década de 1970.⁸

O Problema Urbano

A antropologia... tem se preocupado centralmente,

até os dias de hoje, com o estudo dos povos primitivos. Mas o homem civilizado é igualmente interessante como um objeto de investigação, e ao mesmo tempo sua vida é mais aberta à observação e ao estudo... Os mesmos métodos pacientes de observação que antropólogos como Boas e Lowie utilizaram no estudo da vida e dos costumes dos Indígenas Norte-Americanos poderiam ser até mesmo mais frutiferamente empregados na investigação dos costumes, crenças, práticas sociais e concepções gerais de vida que prevalecem em *Little Italy* no *lower North Side* em Chicago, ou em documentar os modos sofisticados de vida dos habitantes do *Greenwich Village* e das redondezas da *Washington Square*, em Nova Iorque. – Robert E. Park, Ernest W. Burgess e Roderick McKenzie, *The City*

Como uma estudante de pós-graduação recém-convertida à antropologia no início dos anos 1970 eu dediquei muitas horas na biblioteca da *University of Michigan*⁹, procurando por referências sobre a antropologia da homossexualidade. Havia uma riqueza de dados sobre contatos entre pessoas do mesmo sexo em algumas sociedades não-ocidentais, os mais óbvios entre eles incluíam uma extensa literatura sobre trocas de sêmen ritualizadas entre homens nas culturas da Nova Guiné e das adjacentes Ilhas do Pacífico, assim como sobre papeis institucionalizados para gêneros intermediários¹⁰, principalmente entre povos indígenas da América do Norte. Havia também alguns relatos ocasionais de práticas homossexuais ou uniões entre pessoas do mesmo sexo, por exemplo, em algumas sociedades Africanas.¹¹ No entanto, dados relativos a comunidades sexuais contemporâneas como as regiões gays do *Greenwich Village*, *Fire Island*, ou *West Hollywood*, eram escassas, e o interesse

9 Nota dos Tradutores: exceto no que diz respeito à Universidade de Chicago, optamos por manter no original, em inglês, os nomes de todas as instituições, coleções, arquivos e publicações citadas neste artigo.

10 Nota dos Tradutores: no original, a autora utiliza a expressão “*intermediate genders*”.

11 Sobre a Nova Guiné e a Oceania, consultar, por exemplo, Herdt, *Guardians of the Flutes and Ritualized Homosexuality in Melanesia*; Kelly, “*Witchcraft and Sexual Relations*”; e Williams, *Papuans of the Trans-Fly*. Sobre a América do Norte consultar, por exemplo, Brown, *Two Spirit People*; Devereaux, “*Institutionalized Homosexuality among Mohave Indians*”; Jacobs, Thomas, e Lang, *Two-Spirit People*; McMurtrie, “*A Legend of Lesbian Love among North American Indians*”; Roscoe, *The Zuni Man-Woman*; Whitehead, “*The Bow and the Burden Strap*”; Williams, *The Spirit and the Flesh*. Consultar também Evans-Pritchard, “*Sexual Inversion among the Azande*”; e Herskovitz, “*A Note on ‘Woman Marriage’ in Dahomey*”.

12 Nota dos Tradutores: no original, “*mutual handling of the penis*”.

antropológico por tais populações era difícil de detectar.

Os dois maiores compêndios disponíveis à época sobre a antropologia da sexualidade eram *“Patterns of Sexual Behavior”* (1951) de Ford e Beach e *“Human Sexual Behavior”* (1971) de Marshall e Suggs. O livro *“Patterns of Sexual Behavior”* era um texto indispensável em sexologia comparativa. Foi amplamente citado e altamente influente no estabelecimento da extensão da variação cultural acerca das práticas sexuais. Ford e Beach incluíram um capítulo sobre homossexualidade no qual os dados eram apresentados sobretudo em termos das sociedades aprovarem ou desaprovarem a conduta homossexual. Ao notarem que o nível de desaprovação obtido nos Estados Unidos nos anos 1950 não era universal e era até um tanto extremo, Ford e Beach expressaram um criticismo, mesmo que tácito, quanto a intolerância que então prevalecia. A revisão e as referências desses autores proporcionaram um guia maravilhosamente útil para localizar dados sobre as interações e o contato entre pessoas do mesmo sexo na literatura etnográfica sobre outras sociedades, especialmente na seção dos *Human Relations Area Files*.

Quanto aos Estados Unidos, no entanto, Ford e Beach contaram com as grandes pesquisas sobre sexo disponíveis naquele tempo, com destaque para o primeiro volume do relatório Kinsey de 1948, a obra em dois volumes sobre variantes sexuais de George Henry (1941) e a pesquisa de Katherine Bement Davis sobre as vidas sexuais de duas mil e duzentas mulheres (1929). A discussão

apresentada por Ford e Beach reflete o uso dessas fontes ao focar somente em indivíduos e em tipos de atividade sexual. A discussão reitera, por exemplo, quantos dos entrevistados por Kinsey haviam praticado o “manuseio mútuo do pênis”¹² ou qual porcentagem havia se engajado em cópula anal. Considerando que os grupos sociais são as unidades mais usuais do interesse antropológico, a ausência de qualquer consciência das comunidades organizadas de homossexuais nos Estados Unidos é impressionante. Ford e Beach trouxeram ao estudo da homossexualidade uma forte influência do relativismo cultural, mas pouco reconhecimento da complexidade social das populações sexuais urbanas.

Em contraste, quando *Human Sexual Behavior* foi publicado duas décadas mais tarde, Marshall e Suggs estavam bem versados na vida social dos homossexuais urbanos, embora consideravelmente menos adeptos a manter uma abordagem consistente de relativismo etnográfico. Eles observaram que “alguns homossexuais congregam ou visitam regularmente, devido a residência ou recreação, a bairros específicos os quais têm demonstrado maior tolerância para com o comportamento desviante” e que “alguns homossexuais ocidentais desenvolveram subculturas inteiras com os seus próprios padrões de comportamento.”¹³

Apesar do seu reconhecimento sobre a vida social homossexual, Marshall e Suggs ainda se valeram da classificação da homossexualidade como uma doença mental e um sintoma de um severo mau-funcionamento psicológico. “Assim como os anúncios homossexuais presentes no

13 Marshall e Suggs, *Human Sexual Behavior*, 234.

14 Nota dos tradutores: O *Berkeley Barb* foi um jornal considerado da contracultura, publicado em Berkeley, na Califórnia, EEUU, cobrindo sobretudo assuntos relacionados à *University of California Berkeley*. Sua publicação ocorreu entre meados dos anos 1960 e o início dos 1980 e ele se tornou célebre por seus textos progressistas, de esquerda, feministas, pacifistas e antiguerra do Vietnã, etc. Foi um dos primeiros jornais conhecidos a publicar uma seção de anúncios sexuais explícitos tanto de indivíduos à procura por parceiros como também de filmes e produtos pornográficos.

15 Nota dos tradutores: denominação relativa a bailes frequentados predominantemente por homossexuais ao longo de boa parte do século XX. A palavra “*fairy*” poderia ser traduzida ao português como “fada” e se tratava de uma categoria para denominar homens homossexuais, em geral, explícitos e afeminados.

16 Nota dos tradutores: no original o trecho citado é “*transvestite beauty contests*”. Optamos por manter a categoria no original, ao invés de traduzi-la, por exemplo, como “concursos de beleza de travestis”, pois existem diferenças contextuais significativas entre o sentido das categorias “*transvestites*”, nos EUA, e “*travestis*” no Brasil.

17 Ibid., 235.

18 Ibid., 231.

19 Ibid., 236. Consultar também o livro da American Psychiatric Association “*Diagnostic and Statistical Manuals of Mental Disorders*”, 1st-4th editions (1952, 1968, 1980, 1987, e 1994); e Bayer, *Homosexuality and American Psychiatry*.

20 Marshall e Suggs, *Human Sexual Behavior*, 242. [N.T.: o uso do itálico é da autora].

Berkeley Barb¹⁴ aparecem juntos daqueles do *voyer*, do sádico, do masoquista e do fetichista”, eles afirmam que “seria então difícil interpretar tais manifestações comportamentais, tais como os *fairy balls*¹⁵ ou os concursos de beleza de *transvestites*¹⁶ em algumas áreas urbanas, como algo a mais do que manifestações sociopáticas de distúrbios de personalidade *agravados pelo pertencimento a uma subcultura pervasiva*.¹⁷

Ademais, de acordo com Marshall e Suggs, “Dados médicos e psiquiátricos, assim como a lógica e as interpretações de alguns analistas indicam que alguns dos desviantes sexuais ocidentais contemporâneos devem ser vistos como social e pessoalmente mal ajustados, em alguns casos tão seriamente doentes a ponto de colocar em perigo a sociedade.”¹⁸ Meros dois anos antes da homossexualidade ser oficialmente reclassificada como não-patológica e ser removida da lista de desordens psicosexuais pela *American Psychiatric Association*, tais autores declaravam taxativamente que “A aprovação social da homossexualidade ativa é equivalente a declarar que a sociedade não possui nenhum interesse em, ou obrigação de, fazer o bem em tratar o desviante em termos sociopsicológicos de modo a prevenir um padrão de comportamento perturbador de se espalhar em seu interior – ou de que a sociedade não está preocupada com a sua própria sobrevivência”.¹⁹

Marshall e Suggs concluíram seu trabalho com a defesa de um novo nível de objetividade etnográfica e de neutralidade científica no estudo da sexualidade: “Com todos os esforços devotados ao estudo dos múltiplos aspectos do sexo através das décadas desde Ellis, Krafft-Ebing, Freud, e outros, *somente agora nós começamos a alcançar a uma perspectiva relativamente livre da cultura quanto a esse aspecto mais básico*

do comportamento humano.”²⁰ A sua louvável tentativa de abordar a variação sexual com uma mente aberta e o mínimo de bagagem e influência cultural, entretanto, naufragou com a sua pressuposição da homossexualidade como algo intrinsecamente patológico. Longe de estabelecer um estudo não-etnocêntrico da sexualidade humana, *Human Sexual Behavior* demonstra a extensão na qual os reflexos etnográficos ainda estavam atravessados por um preconceito comum e pela hegemonia psiquiátrica ainda em 1971. É irônico que durante as duas décadas entre esses dois textos antropológicos o trabalho de estabelecer uma abordagem das ciências sociais acerca do sexo, de produzir estudos etnográficos sobre populações sexuais contemporâneas, e de desafiar o papel privilegiado da psiquiatria no estudo da sexualidade humana foi sobretudo realizado por sociólogos.

A Universidade de Chicago e a Descoberta de Mundos Sexuais

A nova compreensão da homossexualidade como um fenômeno social, ao invés de um fenômeno puramente psicológico, foi estabelecida através de dois meios – primeiro pela definição da *homossexualidade* como um *problema social* (ambiguamente enquadrada tanto como um problema de ajustamento social dos homossexuais quanto da eliminação do preconceito contra homossexuais), e em segundo lugar, pelo reconhecimento público da *existência de um mundo homossexual*. Começando no período imediato do pós-Guerra e até os anos 1960 a homossexualidade como uma questão social emergiu em vários contextos discursivos diferentes – Jeffrey Escoffier, “*Reading the Social*”.

21 Quanto a remodelação da homossexualidade como um fenômeno social, consultar também a Escoffier, *American Homo*, 79-98.

22 *Nota dos tradutores*: A etiologia poderia ser compreendida como o campo de conhecimento que investiga e discorre sobre as origens e as causas das coisas.

23 Eu não pretendo subestimar a enormidade das contribuições de Kinsey e Hooker, ambos merecem um tratamento muito mais extensivo o qual vai além do escopo deste ensaio. Muitos outros, é claro, escreveram sobre o impacto de Kinsey, como a análise de Paul Robinson (*The Modernization of Sex*) estando entre as mais perspicazes. Em 1998 o primeiro número do periódico *Sexualities* dedicou uma seção especial a um simpósio sobre o aniversário de cinquenta anos da publicação do primeiro relatório Kinsey (Nardi e Schneider, “*Kinsey*”). Uma das melhores revisões sobre o impacto de Hooker é *Changing Our Minds: The Story of Dr. Evelyn Hooker*, um filme documentário dirigido por Richard Schmiechen. A maior parte das publicações de Hooker estava em forma de artigos e é uma pena que eles até o momento não tenham sido reunidos e publicados como uma coleção.

A ideia de que a sexualidade era algo social e um objeto adequado para as investigações das ciências sociais foi articulada poderosamente durante as décadas de 1950 e 1960 em uma pequena literatura na sociologia do desvio.²¹ As suposições, questões e implicações deste conjunto de trabalhos desafiaram aquelas desenvolvidas pela psiquiatria, substituindo o interesse nas etiologias²² das desordens individuais pela curiosidade acerca das estruturas institucionais e dos mecanismos de socialização das subculturas desviantes. Conforme apontou Jeffrey Escoffier, a “descoberta” de mundos sociais homossexuais foi central para a reclassificação da homossexualidade como uma questão social ao invés de um questão ou problema médico. A atenção etnográfica sobre as subculturas homossexuais foi deslocada e alterada dos indivíduos para as comunidades e da doença para a análise dos hábitos e das práticas rotineiras.

Muitos acadêmicos importantes desse momento de transição foram treinados em sociologia na Universidade de Chicago, incluindo John Gagnon, William Simon, Albert Reiss, William Westley, e menos diretamente, Howard Becker e Erving Goffman. Havia, é claro, muitos outros pesquisadores notáveis os quais também contribuíram para esse processo, especialmente Evelyn Hooker, uma psicóloga, e Alfred Kinsey, cujo *background* era em ciências biológicas. E somando-se a Chicago, havia outras instituições, como a UCLA, onde Hooker compunha o corpo docente, e a *Indiana University*, na qual o Instituto Kinsey estava localizado, as quais serviram como relevantes loci intelectuais para a redefinição

da sexualidade e para o processo de ressituar o desvio sexual.²³ No entanto, a centralidade das etnografias urbanas, a sociologia do desvio e a concentração peculiar de indivíduos treinados em ciências sociais em Chicago merecem atenção.

A pesquisa social na Universidade de Chicago havia ficado famosa por seu trabalho pioneiro na sociologia urbana desde a publicação de *The Polish Peasant in Europe and America* (1918-20) de W. I. Thomas e Florian Znaniecki. Thomas talvez seja melhor conhecido por seu papel em estabelecer a pesquisa urbana baseada em observação de campo detalhada, mas ele também publicou um tratado sexológico em 1907. O seu livro *Sex and Society: Studies in the Social Psychology of Sex* (1907) reuniu uma coleção de artigos previamente publicados em periódicos especializados. *Sex and Society* não está enraizado em uma pesquisa inédita, mas se trata principalmente de um comentário baseado em dados previamente publicados, muitos deles etnográficos. Thomas cita extensivamente a muitas das familiares publicações antropológicas da virada do século, tais como as de Westermarck, Tyler, Spencer, Lubbock e Morgan; ele também se refere aos compêndios sexológicos mais antigos, tais como os trabalhos de Havelock Ellis. O livro *Sex and Society* é um lembrete de que os dados relativos às práticas sexuais eram centrais para a antropologia e a teoria social produzidas no fim do século XIX; de modo semelhante, as preocupações, os estudos e as descobertas antropológicas moldaram poderosamente o início da sexologia. A sobreposição entre esses campos era substancial e a sua diferenciação ainda embriônica.

24 Nota dos Tradutores: O movimento da temperança [*temperance movement*] foi um movimento social que se desenvolveu em vários países, sobretudo anglófonos, e que defendia a abstinência do consumo, e a proibição da venda, de bebidas alcólicas. Assim, o movimento, em termos gerais, exigia a criação de legislações proibitivas e punitivas para aqueles que comercializassem tais bebidas. Nos Estados Unidos o referido movimento resultou em uma radical proibição da venda de bebidas alcólicas [*the Prohibition*, que traduzimos por Lei Seca] a qual perdurou por vários anos entre as décadas de 1920 e 1930.

25 Estudos detalhados de vários aspectos das políticas sexuais do período podem ser encontrados em Brandt, *No Magic Bullet*; Connely, *The Response to Prostitution in the Progressive Era*; D’Emilio e Freedman, *Intimate Matters*; Langum, *Crossing Over the Line*; Odem, *Delinquent Daughters*; e Peiss, *Cheap Amusements*. Sobre “escravidão branca”, consultar em especial Connely e Langum.

26 Nota dos tradutores: o *Committee of Fifteen* e o *Committee of Fourteen* foram organizações da sociedade civil na cidade de Nova Iorque, as quais prezavam por um intenso controle da moralidade. Elas desenvolveram um intenso *lobby* e mobilização social em torno da proibição e eliminação da prostituição, dos jogos de azar e do consumo e venda de bebidas alcólicas. Tais organizações, e outras congêneres, se mantiveram ativas da virada do século XIX até a década de 1930.

27 Chauncey, *Gay New York*, 367. A nota inteira de Chauncey sobre as fontes (366-70) proporciona um útil olhar panorâmico sobre esse material, particularmente sobre Nova Iorque.

28 Heap, *Homosexuality in the City*, 16; Vice Commission of Chicago, *The Social Evil in Chicago*.

W. I. Thomas também havia atuado na *Chicago Vice Commission*, uma das várias instituições investigativas estabelecidas como resultado da inter-relação das cruzadas antivício que floresceram nos Estados Unidos no início do século XX. Além do movimento de temperança²⁴ havia também enormes mobilizações sociais contra a prostituição (o “mal social”) e a “escravidão branca” assim como campanhas ativas para elevar a idade de consentimento para garotas e coibir as liberdades sociais de jovens mulheres trabalhadoras.²⁵ É irônico que muito do que nós sabemos sobre o “vício” em cidades dos Estados Unidos no início do século XX resulta das informações coletadas para auxiliar nas tentativas de sua eliminação.

Ademais, a vigilância sobre a prostituição por parte dessas organizações antivício produziram dados observacionais sobre a homossexualidade. O *Committee of Fifteen* de Nova Iorque (fundado em 1900) documentou a prostituição na cidade de Nova Iorque, assim como o fez o seu sucessor, o *Committee of Fourteen*, “uma sociedade antiprostituição cujos investigadores mantiveram boa parte das ruas e da vida noturna da cidade sob vigilância de 1905 a 1932...”²⁶ No curso da sua busca por prostitutas, eles [os investigadores a cargo do *Committee of Fourteen*] regularmente encontraram homens gays.... Os relatórios que eles produziram sobre esses encontros fornecem evidências excepcionalmente ricas sobre os lugares de encontro de homens gays, sobre a cultura gay de rua, sobre as convenções sociais que governavam as interações entre homens gays e outros homens, assim como acerca das reações dos próprios investigadores aos investigados.²⁷ Da mesma forma como a Comissão de Nova Iorque, a *Vice Commission of Chicago* documentou a existência de submundos homossexuais em

Chicago conforme colhia informações sobre a prostituição feminina.²⁸

Apesar da sua atuação na *Vice Commission of Chicago* e de sua posição como membro do corpo docente da Universidade de Chicago, W. I. Thomas foi uma das vítimas dessas cruzadas antivício da virada-do-século. Ele foi demitido em 1918 após ser detido em um hotel com uma mulher com a qual não era casado e indiciado por violação da Lei Mann²⁹. A Lei Mann, promulgada em 1910, e também conhecida como a *White Slave Traffic Act*³⁰, proibiu o transporte interestadual de mulheres ou de garotas para “propósitos imorais”. Ainda que o seu propósito ostensivo fosse o de proteger mulheres de serem coagidas à prostituição, na prática a Lei Mann resultou em restrições a viagens femininas, assédio a casais heterossexuais não casados, e o estabelecimento do FBI como uma instituição permanente da burocracia federal.³¹

Embora o caso contra Thomas tenha sido arquivado, a publicidade em torno da acusação moral acabou com a sua carreira em Chicago. “A sua demissão foi... um golpe cruel e ponderado, o qual foi aplicado com rigor. A editora da Universidade de Chicago, que havia publicado os primeiros dois volumes de *The Polish Peasant*, foi instruída, através de seu presidente, a rescindir o contrato com o autor e a cessar a distribuição dos volumes publicados... O nome de Thomas deveria ser expurgado da universidade.”³² Thomas nunca mais conseguiu manter uma vinculação acadêmica regular, passando o restante da sua carreira como uma pesquisador *freelancer*.

Apesar da partida de Thomas, entretanto, a etnografia urbana continuou a prosperar em Chicago entre os anos de 1920 e 1930 sob a influência de Robert E. Park e Ernest Burgess. As atividades de recreação e de lazer eram

29 Nota dos Tradutores: no original, “the Mann Act”.

30 Nota dos tradutores: em tradução livre, “Lei do Tráfico de Escravos Brancos”.

31 Langum, *Crossing Over the Line*. “A Lei Mann”, Langum comenta, “resultou no primeiro grande escritório do Bureau [FBI] em Baltimore, e em um incremento dramático em seu poder... A Lei Mann forneceu o ponta-pé de verdade para o início do FBI. Um historiador do FBI afirmou que “a aplicação da Lei Mann começou a transformação do *bureau* da polícia do Departamento de Justiça de uma agência modesta preocupada com as coisas miúdas da aplicação das leis federais em uma instituição nacionalmente reconhecida, com agentes em todos os estados e em cada cidade grande.” (ibid., 49).

32 Bulmer, *The Chicago School of Sociology*, 60, mas ver também 59-60. Outros alvos famosos da perseguição produzida pela Lei Mann foram Jack Johnson, Chuck Berry, e Charlie Chaplin (Langum, *Crossing Over the Line*).

33 Park, Burgess, e McKenzie, *The City*, 32-33.

34 O ensaio de Park apareceu em formato de revista em 1915.

35 Ibid., 41-42.

elementos inescapáveis da paisagem urbana.³³ De fato, em um ensaio de 1915 sobre o ambiente urbano, Park devotou uma atenção considerável ao relacionamento entre as dinâmicas da vida metropolitana e o “vício”, ponderando que “o vício comercializado é próprio” das cidades, e que as condições peculiares da vida citadina “tornam o controle do vício especialmente difícil.”³⁴ A cidade realmente atraiu indivíduos que não se encaixaram na vida das cidades pequenas e das áreas rurais.

A atração da metrópole é devida em parte... ao fato de que a longo prazo cada indivíduo encontra entre as variadas manifestações da vida da cidade o tipo de ambiente no qual ele se solta e se sente à vontade; encontra, resumidamente, o clima moral no qual a sua natureza peculiar obtém os estímulos que trazem as suas disposições inatas à expressão livre e plena. E são, eu suspeito, motivos desse tipo... que mobilizam a muitos, se não a maioria, dos homens e mulheres jovens da segurança de suas casas no interior para a grande e florescente confusão e excitação da vida citadina. Em uma pequena comunidade é o homem ordinário, sem excentricidades ou temperamentos fortes, que parece ser mais propenso a se tornar bem-sucedido. A pequena comunidade frequentemente tolera a excentricidade. A cidade, ao contrário, a recompensa... Na cidade muitos desses tipos divergentes agora encontram um contexto no qual, para o bem ou para o mal, as suas disposições e talentos conseguem nascer e se tornar frutíferos.³⁵

A concentração de especializações tornada possível pelo tamanho da cidade e sua atração gravitacional, resulta naquilo que Park denominou notoriamente como as “regiões

morais” de uma cidade.

A população tende a segregar-se, não meramente de acordo com os seus interesses, mas de acordo com os seus gostos ou os seus temperamentos. A distribuição resultante da população é provavelmente bastante diferente daquela produzida por interesses ocupacionais ou por condições econômicas. Cada bairro, sob as influências que tendem a distribuir ou a segregar as populações da cidade, pode assumir a feição de uma “região moral.” Tais, por exemplo, são os distritos associados ao vício, os quais são encontrados na maior parte das cidades. Uma região moral não é necessariamente um lugar de moradia. Ela pode ser meramente um ponto de encontro, um lugar de recreação... Nós devemos, portanto aceitar então essas “regiões morais” e as pessoas mais ou menos excêntricas e excepcionais que nelas habitam, de certa forma, ao menos como parte natural, se não normal, da vida de uma cidade. Não é necessário entender, através da expressão “região moral”, um lugar ou uma sociedade que seja necessariamente, ao mesmo tempo, criminosa ou anormal. Pretende-se antes aplicá-la às regiões nas quais um código moral divergente prevalece, pois é uma região na qual as pessoas que a habitam são dominadas, como as pessoas são ordinariamente não dominadas, por um gosto, uma paixão ou por algum interesse particular... Pode ele ser uma arte, como a música, ou um esporte, como a corrida de cavalos... Devido a oportunidade que ela oferece, particularmente para os tipos de homens excepcionais e anormais, uma cidade grande tende a espalhar e a apresentar à opinião pública de uma maneira massiva todos os tipos e traços humanos que são comumente obscurecidos e suprimidos nas comunidades menores.³⁶

36 Ibid., 43, 45-46.

37 Nota dos Tradutores: no original “Park notes the existence of populations organized around nonnormative sexualities...”.

38 Anderson, *On Hobos and Homelessness*; Creese, *The Taxi-Dance Hall*; Reckless, *Vice in Chicago*; Zorbaugh, *The Gold Coast and the Slum*.

39 Heap, *Homosexuality in the City*, 17.

40 Ibid.

41 Nota dos Tradutores: os *Burgess Papers* se tratam de um amplo arquivo proveniente do professor de sociologia Ernest Burgess (1886-1966), da Universidade de Chicago, o qual contém inúmeros materiais entre correspondências, manuscritos, relatórios, memorandos, materiais de pesquisa variados, estudos de caso, questionários, revisões bibliográficas, entrevistas, mapas, etc. Esse conjunto de materiais abordava temáticas muito variadas as quais incluíam, por exemplo, temas de sociologia urbana, família, casamento, parentesco, sexualidade, crimes, delinquência, entre muitos outros.

42 Drexel, “*Before Paris Burned*”; Heap, *Homosexuality in the City*; Johnson, “*The Kids of Fairytown*”; Mumford “*Homosex Changes*” e *Interzones*.

Nestes comentários Park aponta a existência de populações organizadas em torno de sexualidades não-normativas³⁷, observa que elas são espacialmente localizadas e socialmente distintas, reconhece os seus critérios idiossincráticos de legitimidade moral, e provê uma justificativa racional para o seu estudo.

Os estudantes de Park e Burgess se espalharam por Chicago para estudar bares, botecos, gangues, bairros marginais, mendigos, andarilhos, e um amplo espectro de atividades, vida e lazer urbanas.³⁸ Nenhum dos trabalhos publicados nesse período estava enfocando centralmente a homossexualidade, mas como Chad Heap observa, “Os estudantes também examinaram a crescente presença da homossexualidade na cidade, construindo crônicas sobre uma ampla gama de relações entre pessoas do mesmo sexo e de redes associadas a populações e locais urbanos específicos.”³⁹ Heap destaca os livros *The Hobo*, de Nels Anderson, e *The Golden Coast and the Slum*, de Zorbaugh, como dois dos trabalhos publicados à época os quais continham descrições das atividades e das redes de relações entre pessoas do mesmo sexo.⁴⁰ Afortunadamente, muitas das pesquisas não publicadas sobre homossexualidade foram preservadas nos *Burgess Papers*⁴¹ na Universidade de Chicago. Estudiosos contemporâneos como Allen Drexel, Chad Heap, David K. Johnson e Kevin Mumford têm explorado os *Burgess Papers* e encontrado uma extraordinariamente rica documentação da vida homossexual em Chicago antes da Segunda Guerra Mundial.⁴²

As tradições de etnografia urbana continuaram em Chicago após a Segunda Guerra Mundial. Joseph Gusfield transmite algo do espírito desse conjunto de trabalhos com a seguinte ponderação: “Nós costumávamos dizer

que uma tese sobre as práticas de ingestão de bebidas alcoólicas redigida por um estudante de Harvard poderia muito bem ser intitulada ‘Modos Culturais de Alívio em Sistemas Sociais Ocidentais’; por um estudante da Columbia ela seria intitulada ‘Funções Latentes do Uso do Álcool em uma Amostra Nacional’; e por um estudante de Chicago seria ‘Interações Sociais no Jimmy’s: um Bar da Rua 55.’^{43,44} Mas a coorte do pós-Segunda Guerra fez mais do que acrescentar pesquisas à literatura sobre diversas concentrações de delinquentes urbanos. Vários de seus membros também desenvolveram uma pervasiva crítica da pressuposição dominante de que algo estava intrinsicamente errado com os desviantes e desajustados. Eles demonstraram o modo como tais populações se tornaram moralmente desacreditadas no contexto de sistemas sociais dominantes, e como elas construíram estruturas alternativas de comunidade, assim como vidas repletas de significado em seu interior.

Desmantelando o Desvio

As atitudes que nós, normais, temos em relação a uma pessoa com um estigma, e as ações que nós tomamos em relação a ela, são bem conhecidas, uma vez que essas respostas são aquilo que as ações sociais benevolentes são projetadas para suavizar e melhorar. Por definição, é claro, nós acreditamos que a pessoa com um estigma não é, digamos, bem humana. No que diz respeito a essa suposição nós exercemos uma variedade de discriminações, através da qual nós efetivamente, ainda que muitas vezes sem nos darmos conta, reduzimos as suas chances na vida. Nós construímos uma teoria do estigma, uma ideologia para explicar a inferioridade dessa pessoa e dar sentido ao perigo

43 Nota dos Tradutores: no original “We used to say that a thesis about drinking written by a Harvard student might well be entitled ‘Modes of Cultural Release in Western Social Systems’; by a Columbia student it would be entitled, ‘Latent Functions of Alcohol Use in a National Sample’; and by a Chicago student as, ‘Social Interaction at Jimmy’s: A 55th St. Bar’.”

44 Citado em Galliher, “Chicago’s Two Worlds of Deviance Research,” 183. Barrie Thorne (em uma comunicação pessoal) transmitiu algo dessa tradição ao apontar a sua “inocuidade”, a qual permitiu que virtualmente qualquer coisa pudesse ser estudada, não importando quão escandaloso fosse o tema ou a população. Essa “inocuidade” ampliou as possibilidades das pesquisas que, de outro modo, poderiam se tornar inacessíveis de acordo com critérios de respeitabilidade.

45 Nota dos tradutores: no original, “Chicago’s Two Worlds of Deviance Research: Whose Side Are They On?”. Embora tenhamos optado por não traduzir os demais títulos de textos citados pela autora, decidimos - de modo a facilitar a compreensão do(a) leitor(a) - traduzir excepcionalmente o título deste artigo devido a sua relevância simbólica em termos de uma mudança de disposições no contexto da sociologia do desvio.

que ela representa, às vezes racionalizando uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social... Tendemos a imputar uma ampla gama de imperfeições na base daquela tida como a original. – Erving Goffman, *Stigma*.

Quando nos acusamos e aos nossos colegas sociólogos de uma visão tendenciosa ou preconceituosa? Penso que uma inspeção das instâncias representativas poderia mostrar que a acusação emerge... quando a pesquisa proporciona credibilidade, de qualquer maneira séria, à perspectiva do grupo subordinado em uma relação hierárquica. As partes dominantes em uma determinada relação são aquelas que representam as forças da moralidade oficial e aprovada; as partes subordinadas são aquelas que, assim se alega, violaram essa moralidade... Provocamos a suspeita de que nós somos tendenciosos em prol das partes subordinadas... quando nós contamos a história a partir do ponto de vista deles. – Howard Becker, “*Whose Side Are We On?*”

Em um ensaio intitulado “*Os Dois Mundos da Pesquisa sobre Desvio Feita em Chicago: De Qual Lado Eles Estão?*”⁴⁵ John Galliher detalha o impacto de uma coorte de sociólogos que fizeram a sua pós-graduação em Chicago após a Segunda Guerra Mundial e que contribuíram significativamente para a remodelação dos estudos de desvio e dos crimes. Uma das figuras-chave no reposicionamento do “desvio” foi Howard Becker.⁴⁶ A influência de Becker se deu devido a vários fatores: suas escolhas dos temas de pesquisa, suas arrojadas reconceituações do campo, seu trabalho como um dos editores do periódico *Social Problems* no início dos anos 1960, e sua atuação como presidente da *Society for the Study of Social Problems*. O seu discurso presidencial de 1966, posteriormente publicado na *Social Problems*, foi o famoso “*Whose Side Are We On?*”⁴⁷

Nele Becker desafia os pesquisadores sociais a incluírem as perspectivas de todas as partes envolvidas, não apenas aquelas de autoridades

46 Becker aponta a dificuldade de atribuir tais mudanças nos quadros intelectuais a qualquer indivíduo. “Eu não era o único interessado em afirmar coisas sobre o desvio. Kai Erikson (1962) estava dizendo a mesma coisa. John Kitsuse (1962) estava falando as mesmas coisas. Lemert havia dito isso anos antes. Havia algumas pessoas cujas ideias estavam no ar. Provavelmente o que eu fiz foi fazer uma declaração muito clara e simples” (Becker com Debro, “Dialogue with Howard S. Becker [1970],” 33). Embora eu pense que Becker tenha sido indevidamente modesto (e caracteristicamente generoso), a maior parte de tais inovações conceituais possuem de fato genealogias complexas e múltiplas origens. Eu arrisco nesse ensaio uma simplificação não-intencional, em particular por eu não ser treinada nem em sociologia, nem em história intelectual. No entanto, os escritos de Becker (e Goffman) parecem ter sido particularmente efetivos na comunicação desse conjunto de ideias. Meu argumento mais amplo é que havia uma cultura intelectual cujas tendências foram absorvidas e criativamente aplicadas por vários pensadores que em última instância promoveram um impacto na reavaliação da homossexualidade. Chapoulie credita muito dessa cultura a Everett Hughes: “Mais de uma dúzia de anos após a sua morte em 1983, Everett C. Hughes é em geral reconhecido como um dos links entre os fundadores da “Escola de Chicago” – W. I. Thomas e Robert E. Park, entre os quais nós devermos adicionar Ernest W. Burgess e o filósofo George Herbert Mead – e o grupo de sociólogos treinados na Universidade de Chicago nos anos 1940 e 1950, que são coletivamente rotulados de interacionistas simbólicos. Esse grupo, notável pelos seus estudos das instituições, trabalho e as profissões, arte, desvio, e a medicina, inclui pesquisadores tais como Erving Goffman, Howard S. Becker, Anselm Strauss, e Eliot Freidson, os quais também contribuíram para a feitura do trabalho de campo – o método etnográfico – uma das mais frutíferas abordagens de pesquisa nas ciências sociais” (“*Everett Hughes and the Chicago Tradition*,” 3). Chapoulie também afirma que pelo fim dos anos 1950, a abordagem etnográfica havia se tornado impopular em Chicago, resultando na partida de Hughes e de muitos de seus estudantes (ibid.,19). Consultar também Reinhartz, “*The Chicago School of Sociology and the Founding of the Graduate Program in Sociology at Brandeis University*.” Chapoulie também aponta a importância dos periódicos tais como *Social Problems* e *Urban Life and Culture*, os quais eram associados com esse grupo de acadêmicos e que publicaram trabalhos extremamente importantes na sociologia da sexualidade durante os anos 1960 e 1970. Eu deixo uma exploração mais completa do papel desses indivíduos e periódicos para aqueles mais qualificados a produzir histórias da produção sociológica. Minha intenção aqui reside em auxiliar a garantir uma maior apreciação das suas contribuições para antropólogos, teóricos queer, e outros cujas formações, como a minha própria, podem não ter sido expostas a esse material. Consultar também a Becker, *The Other Side*.

47 Galliher, “*Chicago’s Two Worlds of Deviance Research*,” 169.

48 Becker, “*Whose Side Are We On?*,” 127.

49 Ibid., 126-27.

50 A frase nivelamento moral [*moral leveling*] é debitária de Paul Robinson, que usa a frase nivelamento sexual [*sexual leveling*] em sua discussão sobre Kinsey (The Modernization of Sex, 58-59).

51 Becker, “*Whose Side Are We On?*,” 124; consultar também Goffman, *Stigma*, para um efeito de nivelamento similar.

52 Becker, *Outsiders*, 30-38, 167-68.

estabelecidas. “É fácil constatar que a grande maioria dos estudos são tendenciosos na direção dos interesses de pessoas em posições de responsabilidade e não no caminho inverso.⁴⁸ Um conceito-chave foi aquilo que Becker chamou de “a hierarquia de credibilidade”. Ele afirma que “Em qualquer sistema de grupos hierarquizados, os participantes tomam como dado que os membros do grupo em posição superior possuem o direito de definir o modo como as coisas realmente são... [Assim] a credibilidade e o direito de ser ouvido são distribuídos diferencialmente através das posições na hierarquização do sistema. Como sociólogos, nós provocamos a acusação de parcialidade... ao nos recusarmos a atribuir credibilidade e deferência a uma ordem estabelecida na qual o conhecimento da verdade e o direito de ser ouvido não são igualmente distribuídos.”⁴⁹

Na suas pesquisas e escritos teóricos Becker, de várias maneiras, se recusa a respeitar essa hierarquia moral e se engaja, ao invés disso, no que poderia ser chamado de um projeto de “nivelamento moral”.⁵⁰ Ele comenta, por exemplo, “No decorrer de nosso trabalho... nós desenvolvemos uma profunda simpatia pelas pessoas que investigamos, de forma que enquanto o resto da sociedade as vê como inadequadas, de um modo ou de outro, para alcançar a deferência normalmente concedida aos demais cidadãos, nós acreditamos que elas são pelos menos tão boas quanto quaisquer outras pessoas.”⁵¹ Dar igual consideração às opiniões de desviantes desacreditados, de cidadãos respeitáveis e de oficiais em posições de autoridade era algo extraordinariamente subversivo.

Embora as primeiras pesquisas de Becker sobre “outsiders” tenham se focado em usuários de maconha e músicos de jazz, ele discutiu a homossexualidade no contexto do desvio e das “carreiras desviantes”.⁵² Em “*Stigma: Notes on the Management of Spoiled Identity*” (1963), Erving Goffman também usa a homossexualidade para exemplificar o funcionamento mais amplo do estigma. Seu interesse residia em como indivíduos e grupos se tornavam desacreditados,

contaminados e depreciados, e como eles construíam, ou aprendiam a participar de valores, filiações sociais e “carreiras morais” alternativos.

Foram John Gagnon e William Simon, outros dois sociólogos treinados em Chicago, que se encarregariam de repensar de modo mais abrangente o desvio especificamente sexual, incluindo uma ampla reavaliação da homossexualidade. Após realizar os seus trabalhos na pós-graduação, eles foram contratados para conduzir investigações no *Institute for Sex Research* em Bloomington, Indiana. Gagnon chegou em 1959, e Simon o seguiu em 1964. A confluência da herança intelectual da pesquisa social em Chicago e do foco do Instituto Kinsey na sexualidade foi algo imprevisto e fortuito. Gagnon e Simon compreenderam rapidamente as implicações de suas perspectivas sociológicas para a condução de pesquisas sexuais e para a reformulação da teoria sexual. Ao longo dos anos 1960 e 1970 eles produziram um conjunto de trabalhos que virtualmente reinventou a pesquisa sexual enquanto uma ciência social. Eles também contestaram contundentemente a hegemonia da psiquiatria e as limitações nos interesses desta. Lembrando deste período, anos mais tarde, Gagnon comentou, “Cada um dos projetos de pesquisa [levados a cabo por eles] era uma tentativa de trazer o campo da sexualidade e colocá-lo sob o controle de uma orientação sociológica. A novidade do que nós fizemos na época estava em estabelecer uma reivindicação sociológica sobre um aspecto da vida social que parecia determinado pela biologia ou pela psicologia... O projeto de pesquisa sobre homens gays... começou com uma desconfiança sobre as teorias etiológicas e com uma visão das vidas sexuais como determinadas por fatores sociais.”⁵³

Essa insistência em tratar a sexualidade em todas as suas formas como um fenômeno social endereçável pelas ciências sociais foi talvez a realização mais influente e impressionante realizada por ambos. Simon e Gagnon promoveram a aplicação de questões e de técnicas sociológicas comuns ao estudo dos homossexuais, assim como para uma série de

53 Gagnon, “Na Unlikely Story,” 231.

54 Plummer, *The Making of the Modern Homosexual*, 24.

55 Simon e Gagnon, “Homosexuality”, 14-16.

outros temas e populações sexuais. Kenneth Plummer apontou que, “Um dos impulsos ideológicos centrais nos escritos de ambos é o desejo de retirar o estudo da sexualidade humana do reino do extraordinário e recolocá-lo onde eles acreditam que ele pertence: no mundo do que é comum e ordinário.”⁵⁴ Simon e Gagnon reformularam seu projeto de pesquisa de modo a questionar não as razões de um indivíduo em particular ser homossexual, mas sim como essa pessoa havia se socializado na vida homossexual e no conteúdo social daquela “carreira desviante” em particular.

Os pesquisadores eram críticos das obsessões etiológicas e da naturalização da heterossexualidade.

O estudo da homossexualidade hoje, exceto por alguns exemplos raros e relativamente recentes, sofre de dois grandes defeitos: (1) é dominado por uma visão simplista e homogeneizante dos conteúdos psicológicos e sociais da categoria “homossexual”; (2) Ao mesmo tempo é quase exclusivamente interessado nas questões mais difíceis e menos recompensadoras de todas, aquela da etiologia... É essa preocupação quase obsessiva com as causas últimas de determinadas condições adultas que tem desempenhado um papel central em estruturar nossos receios acerca das crenças e das atitudes em relação ao homossexual. Quaisquer que sejam os elementos específicos que constituem uma teoria etiológica, a busca por uma etiologia possui suas próprias consequências para metodologias de pesquisa e para a construção de teorias sobre o comportamento... O problema de descobrir como as pessoas se tornam homossexuais requer uma teoria adequada de como elas se tornam heterossexuais; ou seja, não se pode explicar a homossexualidade por um lado e deixar a heterossexualidade como uma espécie de grande categoria residual rotulada como “todas as demais”.⁵⁵

Eles também destacam a qualidade arbitrária da pressuposição de uma patologia homossexual.

Em praticamente todos os casos, a presença da homossexualidade é vista como evidência *prima facie* de uma expressiva psicopatologia. Quando o heterossexual atende as definições básicas de saúde mental, ele é poupado; o homossexual – não importa quão bom é o seu ajustamento nas áreas não-sexuais da vida – permanece suspeito... Obviamente, a busca por um relacionamento homossexual – como a maior parte dos desvios – torna o ajustamento social mais problemático do que poderia ser para uma população convencional. O que é importante entender é que as consequências dessas práticas sexuais não são necessariamente funções diretas de tais práticas. É necessário se afastar de uma preocupação obsessiva com a sexualidade do indivíduo, e tentar ver o homossexual em termos dos compromissos mais amplos que ele precisa fazer de modo a viver no mundo a sua volta. Assim como o heterossexual, o homossexual deve encarar os problemas decorrentes do fato de ser um membro da sociedade: ele precisa encontrar um local de trabalho, aprender a viver com ou sem a sua família, estar envolvido ou permanecer apático quanto a vida política, encontrar um grupo de amigos com o qual conversar e conviver, preencher o seu tempo de lazer de modo útil ou frívolo, lidar com todos os problemas comuns ou extraordinários... e de algum modo socializar os seus interesses sexuais.⁵⁶

Resumidamente, uma abordagem sociológica da homossexualidade “traçaria os padrões de vida tanto em seus aspectos frugais quanto naqueles que são aparentemente exóticos.”⁵⁷

Gagnon e Simon também conduziram e promoveram pesquisas sociais, incluindo estudos etnográficos, sobre outras populações sexuais. Eles escreveram amplamente sobre muitos tópicos sexuais, incluindo pornografia e lesbianismo⁵⁸, foram co-autores de duas antologias influentes,

56 Ibid., 17-19, 24.

57 Ibid., 24.

58 *Nota dos Tradutores*: no original o termo consta como “*lesbianism*”. Devemos ressaltar que no contemporâneo muitas pesquisadoras e movimentos de mulheres lésbicas têm optado pelo termo “lesbianidade”, visto como politicamente mais adequado por excluir o “ismo”, que denotaria patologia. No entanto, optamos por traduzi-lo como “lesbianismo”, fazendo as ponderações necessárias, por parecer mais fiel ao sentido do original.

59 É notável que *Sexual Conduct* foi publicado nas séries “*Observations*” editadas por Howard Becker para Aldine.

60 Leznoff e Westley, “*The Homosexual Community*,” 195-96, 194-95.

Sexual Deviance (1967), *The Sexual Scene* (1970), e produziram um resumo magistral de sua abordagem social e teórica relativa à sexualidade em *Sexual Conduct* (1973).⁵⁹

Sexual Deviance é uma coleção extraordinária de clássicos que quase se perderam, e a antologia deveria novamente ser reimpressa. Além de seções sobre crimes sexuais, lésbicas e prostitutas, *Sexual Deviance* contém a maior parte dos artigos-chave pioneiros das etnografias da vida homossexual contemporânea. Entre eles estão “*The Homosexual Community*” de Evelyn Hooker (apresentado primeiramente como um paper em 1961); o artigo de mesmo nome de Maurice Leznoff e William A. Westley (publicado pela primeira vez em *Social Problems* em 1956); o estudo de Albert J. Reiss sobre garotos de programa adolescentes intitulado “*The Social Integration of Peers and Queers*” (também publicado originalmente na *Social Problems* em 1961); e o notável artigo de Nancy Achilles sobre os bares gays de San Francisco, “*The Development of the Homosexual Bar as an Institution*” (baseado em sua tese de mestrado, não publicada, de 1964 apresentada ao *Committee on Human Development* da Universidade de Chicago).

Os três ensaios, que fornecem visões gerais das populações gays urbanas, remontam a um período de observação entre meados dos anos 1950 e o início dos 1960 e a três cidades: Los Angeles, San Francisco e uma “grande cidade canadense” não especificada (presumivelmente Montreal). O estudo de Leznoff e Westley era o mais antigo e em alguns aspectos o mais rudimentar. Este trabalho documentou que existiam “lugares de encontro conhecidos como homossexuais na cidade, tais como bares específicos, *lobbies* de hotel, esquinas de certas ruas e banheiros públicos,” e discutiu o modo como as “*queens*” (cuja homossexualidade era aberta e um tanto explícita) exerciam funções sociais de liderança.⁶⁰

Os aspectos mais interessantes do artigo são as

observações dos autores sobre o relacionamento entre *status* social, posição econômica, participação comunitária e a revelação da homossexualidade. Leznoff e Westley observaram duas estratégias básicas para a gestão do estigma homossexual e das suas concomitantes sanções legais e sociais. Uma parte da população investigada “passava” por heterossexual, tanto no trabalho quanto nas demais relações sociais. Outros, que eram abertamente homossexuais no Canadá de meados dos anos 1950, tendiam a “trabalhar em ocupações nas quais o homossexual era tolerado, retirar-se de grupos heterossexuais intransigentes, e limitar a maior parte das suas vidas sociais aos círculos homossexuais.”⁶¹

Leznoff e Westley chamaram a esses dois agrupamentos de “secretos” e de “explícitos”⁶². Eles observaram uma relação inversa entre a revelação explícita da identidade homossexual estigmatizada, o *status* de classe e mobilidade social. “O homossexual explícito tende a se encaixar em uma ocupação de baixo *status*; o homossexual que permanece em segredo atua em uma ocupação com um *status* relativamente alto.”⁶³ Além disso, “o homossexual tende a mudar a sua orientação de “aberta” para “encoberta” conforme ele desenvolve uma trajetória de ascensão social.”⁶⁴ Nas décadas que se seguiram, conforme os custos punitivos da homossexualidade explícita diminuíram, essa relação foi indubitavelmente alterada, mas ela ainda pode ser discernida em formas modificadas e silenciosas. Uma arena mais ampla de práticas sociais e econômicas agora permite a revelação explícita da homossexualidade, embora o reconhecimento público da homossexualidade ainda seja algo perigoso para indivíduos em muitas carreiras e posições, como nas fileiras das forças armadas, entre políticos de carreira, membros do judiciário, artistas do entretenimento, atletas profissionais, professores e educadores, assim como no clero da maioria das religiões.

Já a pesquisa de Hooker retrata uma

61 Ibid., 189.

62 Nota dos Tradutores: optamos por traduzir “*overt*” e “*covert*” de duas maneiras, a depender do contexto do texto. Assim sendo, como “explícito / aberto”, no que compete a “*overt*”, e “segredo / encoberto”, no que diz respeito a “*covert*”.

63 Ibid., 191.

64 Ibid., 192.

65 Hooker, “*The Homosexual Community*”, 171-72.

66 Ibid., 173.

comunidade um pouco mais recente, maior e mais diferenciada, assim como evidentemente menos pressionada por constrangimentos sociais. Ela aponta uma territorialidade bem mais desenvolvida. Embora a comunidade homossexual de Los Angeles de fins dos anos 1950 e do início dos 1960 carecesse de “uma base territorial com instituições primárias servindo a uma população residencial,” os homossexuais, “no entanto, não eram distribuídos aleatoriamente através da cidade, nem o eram as instalações das instituições que a eles oferecem serviços e que funcionam como pontos de encontro... Concentrações densas de homossexuais resultam em grandes formações coletivas. Nestes setores, apartamentos em ruas específicas podem ser de propriedade de, ou alugados exclusivamente para, homossexuais... O caráter concentrado dessas áreas geralmente não é conhecido exceto na comunidade homossexual e, em muitos casos, pela polícia.”⁶⁵

Hooker também apontou a importância central do “bar gay” entre as instituições públicas da vida social homossexual, e a relação dessa importância com o estigma anti-gay: “Devido ao fato de que a maioria dos homossexuais fazem todos os esforços para ocultar a sua homossexualidade no trabalho e dos heterossexuais em geral, as atividades da comunidade [homossexual] estão em grande medida resumidas ao tempo das atividades recreacionais e de lazer. O mais importante desses lugares de confraternização é o “bar gay”... mas há também saunas reunindo quase que exclusivamente a homossexuais, ruas “gays”, parques, banheiros públicos, praias, academias de ginástica, cafeterias e restaurantes. Há igualmente bancas de jornal, livrarias, lojas de discos e de roupas, barbearias, mercadinhos, restaurantes e lavanderias que podem se tornar estabelecimentos preferidos para serviços ou para encontros, mas eles são secundários em termos

de importância.”⁶⁶ Hooker contou a existência de sessenta bares gays em Los Angeles por volta de 1960 e observou, de passagem, a perseguição a esses bares por parte da polícia e das autoridades de controle do consumo de bebidas alcóolicas.⁶⁷

O ensaio de Nancy Achilles explora em profundidade a centralidade institucional dos bares gays do início dos anos 1960. A atuação mais importante dos bares gays, ela pondera, consistia

no provimento de um ambiente no qual as interações sociais podem ocorrer; sem tal lugar para congregar, o grupo cessaria de ser um grupo... Articulado com várias instituições comerciais e políticas da sociedade englobante, o bar pode obter bens e serviços legítimos e ilegítimos para a sua clientela. Conforme cada bar desenvolve uma “personalidade” própria e se torna uma instituição em si mesma, ele preenche funções mais especializadas e não somente sociais. Um bar em particular, por exemplo, pode servir como um lugar para se conseguir um empréstimo, um restaurante, um centro de recebimento de mensagens, uma central telefônica e assim por diante... O bar é o equivalente homossexual da USO⁶⁸ ou dos clubes de jovens.⁶⁹

Essa importância institucional dos bares gays fez do seu controle por parte da polícia e das autoridades estatais de controle do álcool algo politicamente significativo. “Se há uma questão em particular que mobiliza e unifica os protestos da comunidade homossexual, é aquela relativa à atuação policial. Muitos homossexuais se mantêm politicamente passivos até que um bar favorito ou um amigo próximo sejam ameaçados pela polícia... O maior senso de coesão grupal na comunidade homossexual é expressado em reação à polícia.”⁷⁰

Além disso, como observa Achilles, algumas

67 Ibid. Algo relevante para a minha própria investigação sobre comunidades *gays leather* masculinas (mas não para este ensaio em particular) é o fato de que Hooker estava ciente de uma “turma de motoqueiros ou grupo *leather*” que resistia ao estereótipo do gay afeminado (ibid., 182).

68 Nota dos Tradutores: USO – *The United Service Organizations Inc.* – é uma organização não lucrativa que fornece entretenimento, como comediantes e músicos, aos membros das Forças Armadas estadunidenses e suas famílias.

69 Achilles, “The Development of the Homosexual Bar as an Institution,” 230-31.

70 Ibid., 234-35.

71 Ibid., 235.

72 Ibid., 230.

das importantes batalhas legais para estabelecer o direito dos homossexuais de se reunirem em público foram articuladas a partir de lutas no terreno das legislações relativas às licenças para venda de bebidas alcóolicas. Consequentemente, ao tentar manterem as suas licenças e atenderem à clientela homossexual, “frequentemente são os bares em si que produzem algumas das reivindicações mais salientes em prol dos direitos civis de homossexuais, pois muitas vezes são os bares que constituem e lideram a defesa em casos judiciais e que envolvem a lei.”⁷¹

Uma considerável especialização dos bares era evidente no início dos anos 1960.

O mundo gay é marcado por uma galáxia de tipos sociais, cada qual dizendo respeito a um subgrupo no interior da Comunidade. Um bar frequentemente se direciona a um subgrupo em particular, e o *barman* será representativo do seu tipo social. Por exemplo, um bar será conhecido como um “*bar leather*,” no qual os clientes são do tipo exageradamente masculino, usando botas e jaquetas de motoqueiro. Outro bar pode ser popular com as “*queens*” afeminadas. Uma mulher atrás do balcão do bar pode indicar uma clientela primordialmente lésbica. O mesmo se aplica às distinções mais sutis; nos bares mais discretos, com decoração dourada e de mogno do setor financeiro, nos quais os *barmen* usam *black-ties* e falam com um sotaque de Oxford.⁷²

Uma parte da distribuição espacial dos locais gays poderia ser detalhada já no início dos anos 1960. Achilles observa que vários bares estavam “localizados no distrito do *Tenderloin* em São Francisco, e vários outros no setor industrial e nas adjacências da orla”, provavelmente na área de *South of Market*, a qual era em grande parte industrial, e no velho *Embarcadero*, no

qual homens gays sustentavam financeiramente a muitos dos estabelecimentos ao longo dos cais.⁷³ Sua pesquisa foi realizada uma década antes do Castro se tornar um lugar significativo na geografia homossexual da cidade e quando os espaços gays eram de fato ainda muito concentrados na área do *Tenderloin / Polk*, do porto, e do *South of Market*.

Por fim, Achilles utilizou a noção de um “sistema do bar gay”, observando que “os bares individuais podem abrir e fechar rápida e regularmente, mas o sistema e seus participantes permanecem os mesmos.”⁷⁴ O estudo de Achilles, evidentemente, foi conduzido durante um período de relativa estabilidade no sistema, e talvez isso a levou a superestimar sua permanência. “Os bares vêm e vão, como uma corrente de luzes piscando, acendendo e apagando sobre o mapa da cidade, mas o sistema permanece constante.”⁷⁵ Essa observação é perspicaz se não for indevidamente funcionalista ou excessivamente generalizada para outros períodos. Dentro de uma década em relação à pesquisa de Achilles os espaços gays na maior parte das metrópoles norte-americanas passariam por expansões visíveis e substanciais no seu território, assim como diversificação econômica e proliferação institucional. Certamente em São Francisco o “sistema do bar gay” não era estável. Passou por um crescimento explosivo, e então, durante meados dos anos 1980, ele se contraiu e encolheu. Tais mudanças são significativas, resultam de transformações no ambiente urbano, e indicam novos tipos de formação institucional assim como atritos no contexto das populações gays urbanas.⁷⁶ No entanto, a pesquisa de Achilles permanece uma descrição inestimável de um tempo desaparecido. A sociologia de ontem se transformou na história de hoje.

Um dos problemas mais significativos do

73 Ibid., 242.

74 Ibid., 239.

75 Ibid., 244.

76 Garber, “A Historical Directory of Lesbian and Gay Establishments in the San Francisco Bay Area”; Garber and Walker, “Queer Sites in San Francisco,” database, *Gay, Lesbian, Bisexual, Transgender Historical Society of Northern California*, 2000; Rubin, “The Valley of the Kings,” “Elegy for the Valley of the Kings,” “The Miracle Mile,” “Sites, Settlements, and Urban Sex.”

77 Simon and Gagnon, “Homosexuality,” 21.

78 Harry and DeVall, *The Social Organization of Gay Males*, 154. Steve Murray faz afirmações semelhantes. Ele afirma que “na medida em que ‘comunidade’ é um termo técnico nas ciências sociais e na medida em que se pode dizer que há ‘comunidades’ nas cidades norte-americanas, existem ‘comunidades gays’” (“*The Institutional Elaboration of a Quasi-Ethnic Community*,” 165).

trabalho etnográfico em comunidades gays dos anos 1950 e 1960 (um problema compartilhado com a maior parte das outras etnografias do período) é a falta de consciência temporal e a consequente identificação equivocada de condições que eram transitórias como sendo universais. Por exemplo, Simon e Gagnon afirmaram, “Em contraste com as subculturas étnicas e ocupacionais da comunidade homossexual – assim como outras sub-comunidades desviantes – tem um conteúdo muito limitado.”⁷⁷ Essa visão, comum nessa época, fazia todo sentido quando a vida gay era, ao mesmo tempo, secreta e menos elaborada institucionalmente do que ela viria a se tornar nos anos 1970. Escrevendo de um ponto de vista posterior e mais vantajoso, Harry e DeVall puderam apontar que, “a tese de Gagnon e Simon de um empobrecimento cultural era uma hipótese atrelada ao seu tempo, a qual possuía validade para certos contextos gays... e para décadas anteriores. Entretanto, o crescimento das instituições gays durante os últimos quinze anos, o surgimento de um senso de identidade coletiva, a criação de uma cultura política sofisticada, e o afloramento de uma variedade de estilos gays recreacionais expandiram significativamente o conteúdo dessa cultura.”⁷⁸

Tais debates demonstram a importância da observação longitudinal, da sensibilidade para as dimensões diacrônicas das estruturas sociais, e dos perigos de elevar elementos contingentes a princípios. Porém, essas discussões e os seus refinamentos resultantes não seriam sequer possíveis sem o tipo de dados sobre estabelecimentos homossexuais que podem ser encontrados em *Sexual Deviance*. O livro *Sexual Deviance* também incluiu o fascinante artigo de Albert Reiss sobre as transações sexuais e comerciais entre homens homossexuais adultos

e jovens “garotos de programa” que não se consideravam “*queer*”⁷⁹. “O homem adulto paga ao garoto delinquente que se prostitui uma soma em dinheiro de modo a ser autorizado a realizar nele o sexo oral. A transação é limitada ao sexo oral e nela o garoto não desenvolve uma autoconcepção como uma pessoa homossexual ou um desviante sexual, embora ele perceba os seus clientes homens adultos como desviantes sexuais, “*queers*” ou “rapazes gays”⁸⁰. Esse padrão de conduta levou Reiss a distinguir entre o “comportamento homossexual” e o “papel homossexual” e a pensar sobre os mecanismos através dos quais os limites entre “atos homossexuais” e “identidades homossexuais” são mantidos através de regras governando essas transações.⁸¹

O intercâmbio de dinheiro, por exemplo, demarcava os “*queers*” (que pagavam) dos “*peers*”⁸² (cujas masculinidades heterossexuais estavam protegidas pelo fato de serem pagos). Os atos sexuais eram limitados, ao menos em princípio, a sexo oral, com o garoto como o penetrador e o homossexual como o penetrado. Os atos sexuais deveriam ser “neutros afetivamente,” e somente os participantes homossexuais poderiam reconhecer a gratificação sexual como um objetivo. “Deveríamos ter em mente que a autossatisfação é permitida durante o ato sexual. Apenas a motivação para a gratificação sexual na transação é que era um tabu.” Mas a autossatisfação deve ocorrer sem demonstrar afeto, nem positivo, nem negativo, em relação ao *queer*. Na forma prescrita dos papéis no relacionamento, o garoto vende um serviço com fins lucrativos e o *queer* o aceita sem demonstrar emoções.⁸³

Por fim, a violência poderia ser usada para reassegurar os limites quando quaisquer

79 Nota dos Tradutores: “*queer*” é uma categoria historicamente acusatória presente em países de língua inglesa a qual se direciona a insultar sobretudo a pessoas vistas como em desacordo em relação às normas e convenções de gênero e sexualidade. Mais recentemente, entretanto, a categoria foi ressignificada politicamente em bases mais positivas e passou a ser incorporada por múltiplos ativismos, em especial, em países anglófonos.

80 Reiss, “The Social Integration of Peers and Queers”, 199.

81 Ibid., 225.

82 Nota dos Tradutores: “*peers*”, que optamos por não traduzir no corpo do texto, poderia ser traduzido por “pares”.

83 Ibid., 214-19.

84 Nota dos Tradutores: “*fellator*”, poderia ser concebido como aquele(a) que realiza o *fellatio*; a feleção ou, em outras palavras, o sexo oral em um parceiro.

85 Ibid., 224-25.

dessas expectativas fossem desrespeitadas. Caso o “*queer*” falhasse no pagamento, tratasse o “garoto” com afeto explícito, ou tentasse penetrá-lo, o garoto teria direito, ou mesmo a obrigação, de defender a sua masculinidade e heterossexualidade surrando o cliente.

Dito de outra forma, um garoto não pode admitir que ele falhou em conseguir o dinheiro da transação a não ser que ele tenha usado de violência contra o *fellator*⁸⁴, e ele não pode admitir que buscou a interação como uma forma de satisfação sexual... *A violência é um meio de forçar o parceiro de empreitada às normas do sistema...* O *fellator* se arrisca à violência, portanto, se ele ameaça a autoconcepção do garoto ao sugerir que este é homossexual e a tratá-lo como se fosse... As prescrições de que o objetivo é o dinheiro, que a satisfação sexual não deve ser buscada como um fim na relação, que a neutralidade afetiva deve ser mantida para com o *fellator* e de que é permitido somente o sexo oral, tudo tende a afastar o garoto de uma autodefinição como homossexual. Contanto que ele se adeque a essas expectativas, os seus “*outros significativos*” não irão defini-lo como homossexual; e isso é talvez o fator mais crucial na sua própria autodefinição.⁸⁵

Nesse sistema de significação sexual, um indivíduo pode se envolver em atos homossexuais sem assumir a identidade de um homossexual. Ademais, as fronteiras entre “gay” e “não-gay” foram mantidas através de meios puramente convencionais que incluíram um conjunto de expectativas costumeiras quanto a dinheiro, posições sexuais, afeto, emoções, e violência física. Em retrospecto, as categorias heterossexual e homossexual já eram apresentadas como arbitrarias e completamente desestabilizadas nesse relato de 1961, décadas antes da “teoria *queer*.” O ensaio de Reiss é ainda outro exemplo de como o trabalho naquilo que

era então chamado de “desvio sexual” já havia incorporado diversas inovações conceituais, cujas implicações contribuiriam eventualmente para grandes mudanças nos paradigmas teóricos governando a pesquisa sobre sexualidade.⁸⁶

Ao desmembrar o desvio em geral e o desvio sexual em particular, e ao produzir estudos etnográficos da vida gay urbana, essa pequena literatura sociológica teria muitas reverberações. Ela se tornaria uma grande influência nas pesquisas etnográficas conduzidas por antropólogos em comunidades gays de contextos urbanos na América do Norte. Em meados dos anos 1970 ela também auxiliaria a instigar uma reapropriação profunda, extensa e agressiva da sexualidade como um tema por sociólogos, historiadores e antropólogos.

Do Desvio Sexual à Construção Social

O desenvolvimento de uma interpretação social-construcionista da história homossexual é uma das maiores realizações intelectuais da geração *Stonewall* de estudiosos e acadêmicos gays e lésbicas - Jeffrey Escoffier, “*Inside the Ivory Closet*”.

Michael J. Sweet: “Mas muitos dos críticos de Boswell são verdadeiramente dogmáticos em seu construcionismo social... A resposta dos construcionistas raivosos parece ser ignorar qualquer coisa que não se encaixe em seus esquemas ...”

Gayle Rubin: “Como estou curiosa para ler sobre o que você está chamando de ‘construcionistas raivosos’, talvez você possa me fornecer algumas referências?”

Michael J. Sweet: “Bem, utilizar ‘raivosos’ foi polêmico, é claro. Foucault, que começou isso tudo,

86 Algumas dessas estratégias teóricas, por sua vez, estavam enraizadas no livro “*Sexual Behavior in the Human Male*” de Kinsey, Pomeroy e Martin, publicado em 1948, no qual a distinção entre atos sexuais e identidades sexuais em particular era amplamente usada. O papel de Kinsey foi crucial e não deveria ser subestimado, embora as suas contribuições se sustentam fora da linha argumentativa deste ensaio em particular. O seu trabalho, entretanto, teve um claro impacto nos sociólogos aqui discutidos.

87 Escoffier, “*Inside the Ivory Closet*,” “*Generations and Paradigms*,” e *American Homo*; Hansen, “*The Historical Construction of Homosexuality*”; Katz, *Gay/Lesbian Almanac*, Padgug, “*Sexual Matters*”; Plummer, *Sexual Stigma, The Making of the Modern Homosexual, and Modern Homosexualities*; Rubin, “*Thinking Sex*”; Vance, “*Social Construction Theory*,” e “*Anthropology Rediscovered Sexuality*”; Weeks, *Coming Out, Sex, Politics, and Society, Sexuality and Its Discontents, Sexuality, e Against Nature*, “*The ‘Homosexual Role’ after Thirty Years*,” e *Making Sexual History*.

e seus epígonos - Jeffrey Weeks, David Greenberg, Ken Plummer, David Halperin, só para mencionar os Anglo-Americanos - que fizeram todos um bom trabalho, parecem porém ter este caráter teórico tendencioso e persistente “. - Postagens na lista “*Queer Studies*” da *State University of New York*, Buffalo, 28-29 Julho de 1994.

É frustrante para aqueles de nós que têm trabalhado duro nesta senda específica desde a virada das décadas de 1960 e 1970 ter nossos primeiros esforços em compreender a sexualidade em geral, e a homossexualidade em particular, rejeitados... através de abstrações pós-foucaultianas... e depois apropriados como se essas ideias tivessem sido recém-criadas. Estou chocado... com a recepção dos teóricos *queer*... em escritos recentes sobre o corpo e a sexualidade (especialmente em estudos literários) no mundo anglo-saxão, quando... eles não estão dizendo nada fundamentalmente diferente do que alguns de nós vêm tentando dizer há pelo menos vinte e cinco anos, inspirados em grande parte por uma leitura de “*The Homosexual Role*”, de Mary McIntosh, publicado pela primeira vez em 1968. - Jeffrey Weeks, “*The ‘Homosexual Role’ after Thirty Years*”.

Apesar da controvérsia considerável, a “construção social das teorias sexuais” tornou-se um paradigma indispensável para a pesquisa em ciências sociais sobre sexualidade nas últimas décadas do século XX.⁸⁷ A persistência de sua atribuição primariamente à obra de Michel Foucault, particularmente no volume um de seu *História da Sexualidade*, é tão intrigante

quanto frustrante, dadas as linhagens muito claras e as trilhas das citações que ligam os primeiros estudiosos e pesquisas da vertente construcionista social aos trabalhos anteriores na sociologia, antropologia e na história social. Dois sociólogos, Kenneth Plummer e Mary McIntosh, foram pioneiros e canais muito significativos através dos quais a sociologia do desvio sexual foi absorvida pelo trabalho emergente em história gay.

Plummer é uma figura proeminente. Quando o livro *Sexual Stigma: An Interactionist Account* foi publicado em 1975, ele se uniu a *Sexual Conduct*, livro de Gagnon e Simon, como uma reavaliação impecável da sociologia do sexo. Plummer conhecia e citava individualmente a todos os estudiosos discutidos anteriormente, embora parecesse tomar inspiração mais diretamente de *Symbolic Interactionism* (1969), livro de Blumer, *The Social Construction of Reality* (1967), de Berger e Luckmann, e do livro *Stigma*, de Goffman. Plummer aplicou as abordagens desses autores diretamente à sexualidade, particularmente à homossexualidade masculina. Mais tarde, ele editou duas importantes antologias - *The Making of the Modern Homosexual* (1981) e *Modern Homosexualities* (1992) - e atualmente edita a revista *Sexualities*. Em seu ensaio introdutório em *The Making of the Modern Homosexual*, Plummer fornece uma breve história de algumas das idéias-chave em torno do construcionismo social, destacando as obras de Kinsey, Simon e Gagnon, e Mary McIntosh como particularmente formativas. Uma reimpressão do ensaio McIntosh, originalmente publicado em 1968 em *Social Problems*, também está incluída

88 McIntosh, “*The Homosexual Role*”; Plummer, *Sexual Stigma*, e *The Making of the Modern Homosexual*; Weeks, *Coming Out*, “*The ‘Homosexual Role’ after Thirty Years*,” e *Making Sexual History*.

89 Kinsey, Pomeroy e Martin, *Sexual Behavior in the Human Male*, 610-66. Alguns dos comentários perspicazes de Kinsey merecem ser lembrados: “Com relação aos padrões de comportamento sexual, grande parte do raciocínio feito por cientistas e leigos se origina da suposição de que existem pessoas que são “heterossexuais” e pessoas que são “homossexuais”, “que esses dois tipos representam antíteses no mundo sexual e que há apenas uma classe insignificante de ‘bissexuais’ que ocupam a posição intermediária entre estes outros grupos. Está implícito que todo indivíduo é, de forma inata, - e inerentemente - heterossexual ou homossexual. Além disso, está implícito que a partir do momento do nascimento a pessoa está fadada a ser uma coisa ou outra, e que há pouca chance de alguém mudar seu padrão no decorrer de uma vida” (*Sexual Behavior in the Human Male*, 636 -37). Além disso, “Homens não representam duas populações distintas, heterossexuais e homossexuais. O mundo não está dividido entre ovelhas e cabras. Nem todas as coisas são pretas, nem todas as coisas brancas. É algo fundamental da taxonomia que a natureza raramente lida com categorias distintas e delimitadas. Somente a mente humana inventa categorias e tenta forçar que os fatos se encaixem em caixinhas separadas. O mundo vivo é um *continuum* em todos e em cada um dos seus aspectos. Quanto mais cedo nós aprendermos isto a respeito do comportamento sexual humano, mais cedo nós alcançaremos um bom entendimento das realidades do sexo” (ibid., 639).

90 McIntosh, “*The Homosexual Role*,” 183.

91 Ibid., 33.

nessa edição do livro.

O texto *The Homosexual Role*, de Mary McIntosh, é um ensaio fundamental que conecta os trabalhos preexistentes na sociologia aos trabalhos emergentes de histórias gays, das teorias sociais e dos ativismos políticos sexuais do começo dos anos 1970.⁸⁸ McIntosh fornece uma síntese fascinante das implicações teóricas das pesquisas de Kinsey, de dados transculturais sobre homossexualidade provindos da antropologia e da literatura sociológica sobre desvio sexual. Ela observa, por exemplo, a dificuldade de estudar a homossexualidade porque “os padrões de comportamento não podem ser convenientemente dicotomizados em heterossexuais e homossexuais”, uma perspectiva elucidada brilhantemente por Kinsey em *Sexual Behavior in the Human Male*, particularmente no extenso e subversivo capítulo sobre a homossexualidade masculina⁸⁹. Além disso, uma vez que a homossexualidade havia sido entendida como uma “condição”, “a principal tarefa de pesquisa tem sido vista como o estudo da sua etiologia”. Em uma formulação particularmente memorável, McIntosh comenta: “Pode-se também tentar traçar a etiologia dos ‘Conselhos Administrativos’ ou do ‘Adventismo do Sétimo Dia’, assim como a da ‘homossexualidade’. O ponto de vista da sociologia comparativa nos permite ver que a concepção da homossexualidade como uma condição é, em si mesma, um possível objeto de estudo”⁹⁰.

McIntosh propõe “que o homossexual deve ser visto como desempenhando um papel social ao invés de ser visto como uma condição”⁹¹. Ademais, o próprio papel social é cultural e historicamente específico. McIntosh revisa dados etnográficos sobre a homossexualidade (extraídos principalmente dos *Human Relations Area Files* e de outros dados interculturais discutidos no livro *Patterns of Sexual Behavior*, de autoria de Ford e Beach) para estabelecer a especificidade cultural do “papel homossexual”. “Em todas essas sociedades”, observa ela, “pode haver muito comportamento homossexual, mas

não há ‘homossexuais.’”⁹²

A maior contribuição de McIntosh, no entanto, foi historicizar esse “papel homossexual”. Um papel social envolvendo um tipo de pessoa que nós poderíamos chamar de “homossexual”, argumenta ela, é um fenômeno bastante recente: “Assim, um papel distinto, separado e especializado de “homossexual” emergiu na Inglaterra do final do século XVII, e a concepção da homossexualidade como uma condição que caracterizava a certos indivíduos e não a outros está agora firmemente estabelecida em nossa sociedade.”⁹³ Essa afirmação abriu um novo campo de investigação histórica sobre as condições, mecanismos e especificidades do desenvolvimento de novos tipos de práticas sexuais, identidades e significados. Essa percepção fundamental - de que a própria homossexualidade possuía uma história - era profunda em suas implicações. A “descoberta” dos mundos sociais homossexuais levou a uma reconsideração da homossexualidade como um problema social e não como uma questão médica. De modo semelhante, a “descoberta” da extensão das mudanças históricas no que nós compreendemos como homossexualidade ajudou a precipitar a articulação de um novo paradigma teórico, aquilo que hoje nós chamamos de “construção social da sexualidade”.

Jeffrey Weeks foi rápido em compreender as implicações das análises históricas esboçadas por McIntosh, assim como das idéias sugeridas nos trabalhos de Plummer, Gagnon e Simon. Uma geração de historiadores e antropólogos gays teve contato com esses pensadores e as perspectivas incorporadas em seus trabalhos através dos primeiros artigos de Weeks, assim como de seu primeiro livro, *Coming Out: Homosexual Politics in Britain, from the Nineteenth Century to the Present* (1977). Na primeira citação bibliográfica de seu livro *Coming Out*, lê-se: “Minha abordagem foi influenciada pelos seguintes autores e estudos: ‘The Homosexual Role’ de Mary McIntosh, *Social Problems*, vol. 16, n.º 2, outono de 1968; *Sexual Stigma*, Londres, 1975, de Kenneth Plummer;

92 Ibid., 187.

93 Ibid., 188-189.

94 Weeks, *Coming Out*, 239.

95 Ibid., 3.

Sexual Conduct: The Social Sources of Human Sexuality, Londres, 1973, de J.J. Gagnon e William Simon.⁹⁴

O livro *Coming Out* foi a primeira grande história social da homossexualidade e foi também uma das primeiras cristalizações das premissas do paradigma da construção social do sexo. Na publicação havia um tratamento abrangente da posição teórica que postulava que a homossexualidade não era uma categoria trans-histórica, mas sim uma forma de comportamento entre pessoas do mesmo sexo que envolvia tipos particulares de pessoas, identidades e comunidades historicamente específicas. Tal como Weeks colocou em sua introdução ao livro,

Nós tendemos a pensar agora que a palavra “homossexual” possui um significado invariável, para além do tempo e da história. Na verdade, ela é, em si, um produto da história, um artefato cultural elaborado para expressar um conceito particular... O termo “homossexualidade” não havia sequer sido inventado até 1869 e não havia entrado em uso corrente na língua inglesa até a década de 1890... Eles [novos termos como *homossexualidade* e “gay”] não são apenas novos rótulos para velhas realidades: eles apontam para uma realidade em transformação.⁹⁵

Uma dessas transformações foi a emergência das subculturas homossexuais urbanas. O livro *Coming Out* destacou o significância histórica e teórica de tais desenvolvimentos.

A homossexualidade tem existido em toda parte, mas é apenas em algumas culturas que ela se tornou estruturada como uma subcultura... Uma subcultura não surge no vácuo. É preciso que haja tanto uma percepção da necessidade de uma solução coletiva para um problema (acesso do grupo

à sexualidade, neste caso) quanto a possibilidade de sua satisfação. E é o crescimento de cidades com grandes agrupamentos de pessoas e com relativo anonimato que proporciona a possibilidade para que ambas as questões floresçam... Em meados do século XIX, a subcultura já está muito mais complexa e variada. Os registros dos processos judiciais deste período mostram a disseminação de um submundo homossexual nas maiores cidades (especialmente em Londres e Dublin), em tropas do exército e em cidades navais. Na década de 1840, Londres possuía bordéis que ofereciam aos seus clientes tanto garotos quanto garotas jovens... Uma rede de locais de encontro se desenvolveu depois de meados do século, muitas vezes localizada em torno de banheiros e em banhos públicos ocasionais, em clubes e demais locais privados de encontro, assim como em áreas de interação sexual mais explícitas. Em Londres, o *Regent's Street Quadrant*, o *Haymarket* e as áreas próximas a *Trafalgar Square* e *Strand* foram lugares favoritos de homens (e de mulheres) que se prostituíam, enquanto na década de 1880, o entorno do *Alhambra Theatre* era uma bem conhecida área para escolha de parceiros, assim como o era o *Empire Music Hall*, o *Pavilion*, o bar de *St James* e uma pista de patinação em *Knightsbridge*⁹⁶.

A noção de que a homossexualidade possuía uma história foi uma das descobertas centrais que fundamentaram as primeiras articulações das abordagens teóricas da construção social. Trabalhos anteriores em história gay tendiam a assumir a homossexualidade como invariável e sujeita a sanções legais e julgamentos culturais variáveis. A nova história gay, da qual o trabalho de Weeks foi tão exemplar, descobriu ao invés disso uma homossexualidade mutável que possuía descontinuidades o suficiente para tornar problemática até mesmo a aplicação de

96 Ibid., 35-37.

97 Para versões menos abreviadas dessa história do desenvolvimento da teoria da construção social, ver Vance (“*Social Construction Theory*” e “*Anthropology Rediscovered Sexuality*”) e Escoffier (“*Inside the Ivory Closet*” e “*Generations and Paradigms*”).

98 Katz, *Gay American History*, *Gay/Lesbian Almanac*, “*The Invention of Heterosexuality*,” e *The Invention of Heterosexuality*.

99 Um pequeno exemplo pode ser visto na obra *Reading* de Althusser e Balibar, publicada na França em 1968 e na tradução inglesa em 1970. Balibar elabora o conceito das “formas diferenciais da individualidade histórica” (251). “Podemos dizer que cada prática relativamente autônoma engendra formas de individualidade histórica que lhe são peculiares. Para cada prática e para cada transformação dessa prática, existem diferentes formas de individualidade que podem ser definidas com base em sua estrutura de combinação” (ibid., 252). A produção de subjetividade foi uma grande preocupação de muitos intelectuais franceses ao longo da década de 1960, e não é um grande salto partir da produção de subjetividade em geral para a produção de subjetividade sexual em particular. Veja também Eribon, “*Michel Foucault's Histories of Sexuality*” e, mais abrangente, Dosse, *History of Structuralism*, volumes 1 e 2.

rótulos como “lésbica”, “gay” ou “homossexual” a pessoas em outros períodos históricos ou contextos culturais. Aquilo que poderíamos estar tentados a identificar como “homossexual” poderia se referir a um conjunto de elementos institucionais e de relações sociais alheios a uma noção moderna ou ocidental de conduta sexual e, menos ainda, de conduta “homossexual”.

A história gay foi reformulada passando de uma história dos homossexuais, ou mesmo de uma noção unitária de homossexualidade, para as histórias das homossexualidades ou das práticas sexuais homoeróticas cujas relações e significados sociais e culturais exatos necessitavam ser determinados em contextos particulares, ao invés de serem supostos com base naqueles obtidos nas sociedades modernas industrializadas e ocidentais. Além disso, a compreensão de que a homossexualidade era histórica e culturalmente variável produziu implicações mais amplas: uma inferência era que outras sexualidades também possuíam histórias⁹⁷. O volume I de *História da Sexualidade*, de Michel Foucault, intitulado *Uma Introdução*, foi publicado na França em 1976 e teve sua tradução em língua inglesa nos Estados Unidos em 1978. Nele, Foucault propôs um modelo abrangente no qual todas as “perversões” sexuais, bem como o conceito de perversão sexual em si, possuíam histórias. Eventualmente, Jonathan Katz, que anteriormente havia realizado trabalhos pioneiros em história gay, publicou

um ensaio e um livro sobre “a invenção da heterossexualidade”⁹⁸.

Tal como Weeks, tenho profundo apreço pelo trabalho de Foucault. Não pretendo impugnar sua originalidade e brilhantismo ou sugerir que suas inovações devam situar-se em alguma linhagem da sociologia anglo-americana. Havia inúmeras correntes teóricas dentro da academia e da política francesas que compunham o contexto intelectual de Foucault.⁹⁹ Também não quero sugerir a existência de uma separação rígida entre os desenvolvimentos acadêmicos franceses, britânicos e americanos. Claramente, houve muita fertilização cruzada e influências mútuas, bem como uma evolução e desenvolvimentos teóricos convergentes. Além disso, muitas “teorias” francesas nas décadas de 1960 e 1970 estavam enraizadas em disciplinas como antropologia, linguística e história, mesmo que muitas das ideias ali apresentadas fossem introduzidas com sucesso nos contextos norte-americanos por meio da filosofia ou da crítica literária¹⁰⁰.

Eu desejo alertar, entretanto, para uma atribuição demasiadamente comum e simplista de muitas ideias, incluindo a construção social da sexualidade, a uma pequena lista de pensadores franceses ou a um súbito lampejo revelatório ocorrido por volta de 1978. A maioria dos componentes que levaram à construção social e depois à teoria *queer* esteve em circulação

100 Em seu prefácio ao livro *The Order of Things*, Foucault comentou: “Este livro me surgiu pela primeira a partir de uma passagem presente em um livro de Borges, no riso que despertou, enquanto eu lia a passagem, em todos os marcos familiares de meu pensamento - nosso pensamento, o pensamento que traz a marca da nossa época e da nossa geografia - ao mesmo tempo em que quebramos todas as superfícies ordenadas e todos os lugares com os quais estamos acostumados a domar a profusão selvagem das coisas existentes... Essa passagem cita uma “certa Enciclopédia chinesa” em que está escrito que “os animais são divididos em: (a) pertencentes ao imperador, (b) embalsamados, (c) mansos, (d) porcos sugadores, (e) sereias, (f) fabulosos, (g) cães vira-latas, (h) incluídos na presente classificação, (i) frenéticos, (j) inumeráveis, (k) desenhados com uma escova de camelo muito fina, (l) etc., (m) tendo acabado de quebrar o jarro de água, (n) que de longe parecem moscas. No deslumbramento dessa taxonomia, a coisa que apreendemos em um grande salto, a coisa que, por meio da fábula, é demonstrada como o encanto exótico de outro sistema de pensamento, é a limitação do nosso próprio sistema de pensamento”(xv). Este é um momento profundamente antropológico, ainda que gerado pela ficção, e não pelos detalhes igualmente surpreendentes da etnoclassificação.

101 Turner, *A Genealogy of Queer Theory*, 66.

102 Embora este ensaio aborde a amnésia nos estudos queer a respeito de seus antecedentes nas ciências sociais, também é importante notar um lapso de memória similar no interior da sociologia com relação às suas contribuições para a pesquisa sobre sexualidade. Por exemplo, na coleção editada por Gary Alan Fine sobre as correntes sociológicas de Chicago pós-Segunda Guerra Mundial, nem John Gagnon nem William Simon são mencionados. Essa ausência é impressionante, dada a importância de seus trabalhos sobre a sexualidade humana. Reiss e Westley são mencionados, mas apenas em conexão com o trabalho sobre criminologia, desvios e metodologia. Suas incursões nos estudos etnográficos de homossexuais não são notadas. Isso sugere que, apesar de suas perspectivas críticas sobre o estigma, os sociólogos também não estão imunes as formas subliminares de desvalorização das temáticas de pesquisa que abordem a sexualidade.

103 Turner, *A Genealogy of Queer Theory*, 68.

por décadas e através de uma ampla gama de disciplinas, embora grande parte dessa história pareça estar esquecida ou ser lembrada apenas por alguns sociólogos. É interessante a esse respeito examinar as citações e os índices remissivos de dois livros recentes sobre a teoria *queer*, *Queer Theory: An Introduction* (1996), de Anna-Marie Jagose, e *A Genealogy of Queer Theory* (2000), de William Turner.

Ambos os volumes dão conta das origens, fontes e dos desenvolvimentos da teoria *queer*, embora Turner seja mais explicitamente histórico e mais convergente com o papel das correntes recentes de história gay no desenvolvimento do aparato conceitual da teoria *queer*. Jeffrey Weeks é citado e discutido em ambos os livros, embora Foucault receba mais atenção. As entradas para Weeks no índice remissivo presente no livro de Turner cabem em uma linha, enquanto as entradas para Foucault ocupam quase uma página inteira. As referências bibliográficas de ambos os livros incluem Kenneth Plummer e Mary McIntosh, embora Plummer não seja discutido nos textos e haja apenas uma breve menção a McIntosh.¹⁰¹ Os nomes de John Gagnon e William Simon não aparecem em nenhuma das referências bibliográficas, bem como não aparecem os nomes de quaisquer outros autores presentes em *Sexual Deviation*. Parece que a dívida reconhecida de Weeks e Plummer para com McIntosh garantiu a inclusão desta nas linhagens da teoria *queer*, mas a partir daí as pistas nessa trilha desaparecem completamente. A totalidade da tradição sociológica na qual as próprias pesquisas de McIntosh podem ser situadas está ausente¹⁰².

Turner comenta que “Foucault adquiriu uma reputação imerecida como a criador dos ‘trabalhos sobre a construção social do sexo’, pois o livro *História da Sexualidade* teve seu efeito em auxiliar a legitimar o estudo histórico sobre o sexo.”¹⁰³ Eu tendo a concordar com essa avaliação. O efeito legitimador de Foucault resultou não só da qualidade indiscutível de seu

trabalho, mas também de sua reputação como um grande pensador e do fato de que, em meados da década de 1970, sua homossexualidade era pouco conhecida nos Estados Unidos. Desenvolvimentos simultâneos na história gay, por sua vez, foram estigmatizados por tomar a sexualidade como objeto de investigação, foram intelectualmente segregados e mais facilmente ignorados pelos acadêmicos *mainstream*.

Turner observa de modo perspicaz que “as semelhanças nos relatos de Weeks e Foucault resultaram de seus movimentos coincidentes em uma mesma direção, e não de Weeks seguindo o trabalho e as elaborações teóricas de Foucault. A relação entre os escritos de Weeks, Katz e Foucault sugeriu uma mudança epistêmica, a manifestação intelectual e a perpetuação de mudanças sociais, políticas e econômicas que produziram resultados similares em locais diferentes e por estudiosos distintos”¹⁰⁴. Em um curto período, em meados da década de 1970, muitos acadêmicos chegaram de forma independente a formulações semelhantes com base nos dados disponíveis e aplicando os referenciais teóricos existentes às suas pesquisas sobre a sexualidade. Assim como Simon e Gagnon haviam feito uma década antes na sociologia, o movimento teórico em torno da “construção social” era o de tratar a sexualidade como algo comum e supor que ela poderia ser abordada de maneira produtiva usando as ferramentas teóricas convencionais, sobretudo as da história social e da antropologia cultural. Alguns breves exemplos adicionais ilustram parte dos trabalhos preexistentes que tornaram o surgimento de teorias da “construção social da sexualidade” não apenas possíveis, como também altamente plausíveis. A questão não é o porquê de tantas pessoas começarem a abordar o estudo da sexualidade dessa maneira naquela época, mas por que não o fizeram mais cedo e com menos controvérsia. Como Carole Vance observou: “O caráter especial do sexo é destacado por essa comparação, uma vez que um *insight* bastante

104 Anteriormente notei algo semelhante (“Entrevista”, Rubin com Butler). Eu também concordo com Turner: “O triunfo quase completo da posição construcionista social, por sua vez, contribuiria crucialmente para as condições de possibilidade da teoria *queer*, que assume a radical variabilidade histórica das categorias de identidade sexual” (*A Genealogy of Queer Theory*, 69).

105 Vance, “*Social Construction Theory*”, 17.

106 Polanyi, Arensberg e Pearson, *Trade and Market in the Early Empires*, 239.

107 *Ibid.*, 240.

comum e aceito sobre a construção cultural no que diz respeito a maioria das áreas da vida humana, parece ser muito difícil de se entender sem distorção quando aplicado à sexualidade”¹⁰⁵.

As discussões entre o construcionismo social e o essencialismo no que concerne à sexualidade são conceitualmente semelhantes aos debates presentes no campo da antropologia econômica entre o substantivismo e o formalismo. Como Polanyi argumentou nos anos 1950, o formalismo econômico presumia um tipo consistente de ator que poderia ser encontrado em todas as sociedades humanas, um conjunto universal de motivações econômicas sempre moldando o comportamento e o domínio econômico que, em todos os casos, se manifestaria nas sociedades em que estivesse presente. “Abordando a economia em quaisquer de seus aspectos mais variados, o cientista social ainda encontra dificuldades devido a uma herança intelectual que considera o homem como uma entidade com propensão inata para transportar, permutar e intercambiar uma coisa pela outra. Isto permanece desse modo apesar de todos os protestos contra o ‘homem econômico’ e as tentativas intermitentes de fornecer um referencial social para a economia”¹⁰⁶.”

Polanyi ponderou que tais pressupostos sobre a ação econômica eram, ao invés disso, um produto específico de uma forma social particular: “Essa visão da economia... cresceu a partir do meio ocidental do século XVIII e é expressamente relevante sob os arranjos institucionais do sistema de mercado, uma vez que as condições reais aqui quase não satisfazem as exigências estabelecidas pelo postulado economicista. Mas esse postulado nos permite inferir a generalidade de um sistema de mercado no reino dos fatos empíricos? A reivindicação da economia formal por uma aplicabilidade historicamente universal responde a questão de modo afirmativo.”¹⁰⁷

Polanyi argumentou em negativo. Ele propôs,

em vez disso, que as motivações econômicas eram um produto das instituições sociais e variavam de acordo com elas. Ademais, as economias são o que ele chamou notoriamente de “processos instituídos”; ou seja, as economias humanas são “incorporadas e enredadas em instituições, econômicas e não-econômicas. O estudo do lugar inconstante ocupado pela economia na sociedade não é, portanto, outro senão o estudo da maneira na qual o processo econômico é instituído em diferentes épocas e lugares”¹⁰⁸.” O descentramento do “homem econômico” e a insistência em motivações econômicas como estruturalmente produzidas e específicas das sociedades nas quais estão localizadas é conceitualmente similar ao processo subsequente de pensar sobre como a sexualidade é socialmente estruturada, institucionalmente moldada e amplamente variável. Se a psicologia da tomada de decisões econômicas não era universal, por que o seriam as psicologias do desejo? Se “a economia” é um processo instituído, por que não o seria a sexualidade?

A história social britânica de viés marxista foi também influente ao moldar os modos de pensar que foram aplicados primeiro ao gênero e depois à sexualidade. E. P. Thompson, em seu prefácio do livro *The Making of the English Working Class* comenta:

Este livro tem um título grosseiro, mas também é um título que cumpre com o seu propósito. *Making*, porque é um estudo sobre um processo ativo, que deve tanto à agência quanto aos condicionamentos. A classe trabalhadora não se levantou como o sol em um determinado horário. Ela estava presente em seu próprio processo de feitura. Classe, ao invés de classes... Por classe eu entendo um fenômeno histórico unificando um número de eventos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência quanto na da consciência. Eu enfatizo que se trata de um fenômeno histórico. Eu

108 Ibid., 250; confira também Sahlins, *Stone Age Economics*.

109 Thompson, *The Making of the English Working Class*, 9.

110 Sou grata a Charles Tilly por trazer a minha atenção este maravilhoso ensaio.

111 Uma discussão mais completa sobre o assunto está fora do escopo deste ensaio, mas o feminismo e várias formas de marxismo foram áreas significativas nas quais essas grandes mudanças epistêmicas estavam se desenvolvendo. Conferir também “*I Can’t Even Think Straight*”, de Stein e Plummer.

112 Walkowitz, *Prostitution and Victorian Society*, 192-213. Judith e Daniel Walkowitz estavam construindo argumento semelhante já em 1973.

não vejo a classe como uma “estrutura”, nem mesmo como uma “categoria”, mas como algo que de fato acontece... nas relações humanas¹⁰⁹.

A insistência de Thompson na classe como uma formação historicamente construída ao invés de uma classificação universal, e a sua ênfase na qualidade produzida daquilo que parecia ser um conjunto de experiências humanas invariáveis prefiguram as abordagens subsequentes de gênero e sexualidade. Um esplêndido exemplo é o seu ensaio “*Time, Work-Discipline, and Industrial Capitalism*”, que foi publicado pela primeira vez em 1967. Nele Thompson “desconstruiu” nossa experiência moderna do tempo e mostrou as maneiras pelas quais os requisitos e realizações da industrialização reformularam profundamente algo tão atemporal quanto o “tempo”¹¹⁰.

No início dos anos 1970, antropólogas e historiadoras feministas estavam entre as que desmantelavam ativamente as noções predominantes de gênero em linhas similares, e uma tendência a estender tais análises à sexualidade era imanente a boa parte desse material¹¹¹. Um exemplo dessa nova abordagem é o trabalho de Judith Walkowitz sobre a história social da prostituição na época vitoriana. Em seu trabalho a prostituição não é mais concebida como um vício universal e imutável, a “mais antiga profissão”, mas sim como um complexo

institucional em transformação. Um capítulo inteiro do livro *Prostitution and Victorian Society* se dedica a discutir “*The Making of an Outcast Group: Prostitutes and Working Women in Plymouth and Southampton*”¹¹². A ênfase está nas formações sociais em transformação e em como elas são produzidas por ações sociais em condições históricas particulares e em parâmetros culturais específicos.

Esses exemplos poderiam ser facilmente multiplicados. Ao longo da década de 1970, várias obras criaram um novo paradigma teórico ao aplicar, com crescente consistência e eficácia, as ferramentas comuns de investigação da história, da antropologia e da sociologia ao estudo das sexualidades. No verão de 1979, a *Radical History Review* publicou uma edição especial sobre “Sexualidade na História” que incluiu dois ensaios teóricos articulando a perspectiva emergente da “construção social”: “*The Historical Construction of Homosexuality*”, de Bert Hansen, e “*Sexual Matters: On Conceptualizing Sexuality in History*”, de Robert Padgug¹¹³. Como Carole Vance ponderou, “A teoria da construção social no campo da sexualidade propôs uma idéia extremamente ultrajante. Ela sugeriu que um dos últimos pontos remanescentes do que era tido como ‘natural’ em nosso pensamento era, na verdade, fluido e mutável, produto da ação humana e da história, ao invés do resultado

113 Toda essa questão se constitui em um divisor de águas no campo de publicações acadêmicas em periódicos. Além de Padgug e Hansen, há ensaios sobre famílias, de E.P. Thompson e Ellen Ross, um artigo sobre história lésbica de Blanche Wiesen Cook, o ensaio de Ann Barr Snitow sobre romances no campo literário, um ensaio sobre significados sexuais e identidades gays, de Jeffrey Weeks, uma crítica da sociobiologia no contexto da história das ciências biológicas, de Donna Haraway, e várias outras contribuições ilustres.

114 Vance, “Social Construction Theory,” 13.

115 Vance (“*Anthropology Rediscovered Sexuality*”) contrasta a construção social com parte da literatura antropológica anterior sobre sexualidade, que era menos consistente em sua aplicação da análise social e retinha certas suposições biomédicas.

116 Uma pequena amostra de trabalhos relevantes incluiria os seguintes: Altman et al., “*Homosexuality, Which Homosexuality?*” Bérubé, *Coming Out Under Fire*, “*Dignity for All*,” and “*The History of the Bathhouses*”; Chauncey, “*From Sexual Inversion to Homosexuality*,” *Gay New York*, and “*Christian Brotherhood or Sexual Perversion?*”; D’Emilio, “*Capitalism and Gay Identity*,” *Sexual Politics, Sexual Communities*, “*Gay Politics and Community in San Francisco*,” “*The Homosexual Menace*,” and *Making Trouble*; D’Emilio e Freedman, *Intimate Matters*; Duberman, Vicinus e Chauncey, *Hidden from History*; Duggan, “*The Trials of Alice Mitchell*,” e *Sapphic Slashers*; Escoffier, “*Inside the Ivory Closet*,” “*Generations and Paradigms*,” e *American Homo*; Foucault, *The History of Sexuality*; Freedman, “*Uncontrolled Desires*”; Halperin, *One Hundred Years of Homosexuality*; Halperin, Winkler e Zeidin, *Before Sexuality*; Katz, *Gay/Lesbian Almanac*, “*The Invention of Heterosexuality*,” e *The Invention of Heterosexuality*; Kennedy e Davis, *Boots of Leather, Slippers of Gold*; Peiss e Simmons, com Padgug, *Passion and Power*; Plummer, *The Making of the Modern Homosexual e Modern Homosexualities*; Rubin, “*Thinking Sex*”; Snitow, Stansell e Thompson, *Powers of Desire*; Vance, *Pleasure and Danger*, “*Social Construction Theory*,” “*The War on Culture*,” “*Misunderstanding Obscenity*,” “*Negotiating Sex and Gender in the Attorney General’s Commission on Pornography*,” “*Reagan’s Revenge*,” “*The Pleasures of Looking*,” and “*Anthropology Rediscovered Sexuality*”; Vicinus, “*Sexuality and Power*” e “*They Wonder to Which Sex I Belong*”; Walkowitz, “*The Politics of Prostitution*,” *Prostitution and Victorian Society*, “*Male Vice and Feminist Virtue*,” and *City of Dreadful Delight*; Weeks, *Coming Out, Sexuality and Its Discontents, Against Nature*, “*The ‘Homosexual Role’ after Thirty Years*,” *Making Sexual History*, and *Sex, Politics, and Society*; e Winkler, *The Constraints of Desire*.

invariável do corpo, da biologia ou de um impulso sexual inato.”¹¹⁴ O trabalho baseado no construcionismo social refinou as bases teóricas das abordagens sociais relativas ao comportamento sexual. Embora se baseie em desenvolvimentos na história, na antropologia e na sociologia, a perspectiva da construção social insistia em abordagens mais plenamente sociais do que as perspectivas predecessoras¹¹⁵.

Desde então, essa nova consolidação teórica tem inspirado uma vasta proliferação de trabalhos que continuamente desestabilizaram categorias sexuais universais, e que realocalizaram cada vez mais as sexualidades no terreno da história, das relações sociais e da cultura¹¹⁶. No entanto, é importante recordar que tais perspectivas foram fundamentadas em literaturas mais antigas e que elas fundamentaram, por sua vez, um conjunto mais recente de trabalhos que inclui o que hoje é chamado de teoria *queer*.

Da Sociologia à Antropologia

Os antropólogos ignoraram a homossexualidade nas sociedades ocidentais e, o que é pior, mal tomaram nota sobre os modos pelos quais ela se manifesta em grupos primitivos... Ford e Beach (1951) só podiam de modo geral extrair dos relatórios dos antropólogos informações sobre sociedades as quais simplesmente (1) tinham ou não presente a homossexualidade (como os etnógrafos a concebiam) e (2) que a toleravam ou condenavam. Tal tem sido a atenção da Ciência do Homem a um dos aspectos mais óbvios do comportamento humano.

– David Sonenschein, “*Homosexuality as a Subject of Anthropological Inquiry*”

Quando John Gagnon e William Simon estavam na *Indiana University* na década de 1960, eles contrataram David Sonenschein, um estudante de pós-graduação no departamento de antropologia, para conduzir um estudo sobre a comunidade gay masculina em Chicago. Sonenschein escreveu os primeiros artigos a

partir de uma perspectiva antropológica que apontavam para a necessidade de realizar pesquisas sobre as populações homossexuais contemporâneas em países industrializados. Seu ensaio intitulado “*Homosexuality as a Subject of Anthropological Inquiry*”, escrito em 1966, é um documento extraordinariamente à frente do seu tempo. Este texto reviu o estado da arte da pesquisa antropológica sobre o assunto, esboçou um programa para trabalhos futuros e resumiu muitos dos temas e problemas repetitivos que atormentaram o trabalho etnográfico nessa área.

Assim como praticamente todos os cientistas sociais que se aventuraram na área do sexo e da sexualidade antes do início dos anos 1970, Sonenschein teve que enfrentar os modelos hegemônicos.

Ao invés de estabelecer uma alegação de legitimidade ou de justificativa que permitisse a um antropólogo abordar profissionalmente o tema da homossexualidade (ou fazê-lo sentir-se mais confortável ao realizar tal ação), este artigo se apresenta mais como um simples apelo por mais pesquisas e como um ponto de partida para a discussão... É bem óbvio que a homossexualidade tem sido tradicional e predominantemente considerada como um problema de pesquisa para a psicologia... As três principais considerações dos psicólogos ao lidarem com a homossexualidade têm sido (1) sua origem ou causa, (2) seus modos correntes de operação e (3) o seu tratamento e possíveis curas. Todas as pesquisas assumiram o locus do indivíduo como a unidade básica, final e exclusiva dos estudos¹¹⁷.

Sonenschein passou a observar a existência de uma pequena, mas importante literatura sociológica que havia surgido em meados da década de 1960 a qual seria reunida em forma de coletânea no livro *Sexual Deviance*, a primeira das coleções editadas por Simon e Gagnon, publicada no ano seguinte ao ensaio de Sonenschein.

Decorrente da atenção recente à delinquência e ao desenvolvimento de uma sociologia do

117 Sonenschein, “*Homosexuality as a Subject of Anthropological Inquiry*,” 73.

118 *Ibid.*, 75.

119 Nota dos Tradutores: no original “*He distinguished between homosexual behavior and cross-gender practices...*”

comportamento delinqüente, vários escritores tiveram a oportunidade de utilizar, por exemplo, teorias relacionadas ao comportamento de grupos específicos e de considerar os homossexuais como formando um grupo minoritário. Com essas novas considerações, os escritos posteriores assumiram uma profundidade e abrangência um tanto maiores quanto ao escopo. A dinâmica dos papéis e interações sociais dentro e entre as comunidades homossexuais fornece excelentes oportunidades para a aplicação de métodos próprios aos estudo de pequenos grupos¹¹⁸.

Sonenschein chamou atenção para a relativa negligência quanto ao tratamento desses assuntos no interior da antropologia. Ao revisar a literatura disponível sobre a questão, ele observou comportamentos em culturas não-ocidentais que eram “análogos-a-homossexuais” ou que “pareceriam e seriam entendidos em nossa sociedade como tendências homossexuais”, no entanto, ele não chega a descrever xamãs ou berdaches como homossexuais. Ele distinguiu entre o comportamento homossexual e as práticas de cruzamento entre gêneros, uma distinção que permanece ainda muitas vezes negligenciada.

Sonenschein notou que “a homossexualidade emerge como sendo na realidade um fenômeno grupal assim como uma manifestação individual” e propunha a

aplicação de uma investigação antropológica da homossexualidade em sociedades ocidentais contemporâneas... A abordagem antropológica pressupõe que grupos e indivíduos homossexuais transmitem, aprendem, compartilham, criam e modificam o conteúdo de várias formas (como os modos de falar, o vestuário, os comportamentos, os artefatos) de maneira a estabelecer e a manter o que pode ser chamado de uma “cultura” relativamente

distinta... Nesse aspecto, todos os interesses dos antropólogos culturais e sociais prevaleceriam: organização social, economia, comunicação, normas e controle social, visões de mundo e mitos, demografia, mudança social e cultural, cultura material, enculturação e socialização¹²⁰.

Sonenschein concluiu com a observação de que a maioria dos dados anteriores sobre homossexuais havia se baseado em uma população de *pacientes*, muitos dos quais estavam em terapia em decorrência de ordens judiciais, e que a pesquisa antropológica resultaria em uma perspectiva diferente sobre a homossexualidade. Ele aconselhava uma atenção para as subculturas homossexuais. “Entre os humanos”, observou ele, “pelo menos na tradição urbana ocidental, o comportamento homossexual se manifesta em tipos especiais de grupos e de artefatos culturalmente distintos”¹²¹.

Praticamente todos os principais pontos deste ensaio em relação à homossexualidade podem ser aplicados a muitas outras formas de diversidade erótica contemporânea. Durante os anos 1960, Sonenschein estabeleceu um programa de pesquisa para o estudo antropológico da homossexualidade e, por extensão, de outras populações sexuais em sociedades modernas, ocidentais e urbanas. Com uma exceção igualmente extraordinária – o livro *Mother Camp* de Esther Newton – essas recomendações e *insights* de Sonenschein ainda levariam bastante tempo para que tivessem impacto significativo no campo da antropologia.

Mother Camp

Deve-se notar que por “mulheres” eu me refiro aos sinais e símbolos, alguns óbvios e alguns sutis,

120 Ibid., 76-77.

121 Ibid., 80.

122 *Nota dos Tradutores*: neste momento do artigo, particularmente na revisão da obra “*Mother Camp*” de Esther Newton, Rubin se utilizará múltiplas vezes da categoria “*female impersonators*” ou somente “*impersonators*” para se referir ao fazer drag e às drag queens. De acordo com Newton (1979, 51), na obra supracitada, “*female impersonators*” – categoria que poderia ser traduzida pela denominação análoga “transformistas” – não se consideravam “*transvestites*”, pois afirmavam que o processo de feitura da *drag* era um trabalho transitório, em contraposição às *transvestites*, cujas transições de gênero teriam expectativas mais perenes e constantes, além de terem uma relativa independência das performances de palco tão associadas aos cenários das “*female impersonators*”. Ademais, considerando que Newton utiliza em seu texto, por vezes, pronomes masculinos - “*he, him...*” - para se referir às “*female impersonators*”, tentamos nos manter fiéis a esses usos ao longo da tradução.

da categoria socialmente definida na Cultura Americana. Em um nível transcultural, é óbvio que *female impersonators*¹²² se parecem com “mulheres” americanas, e não com “mulheres” Hopi ou com “mulheres” camponesas chinesas. O que não é tão óbvio é o relacionamento no *interior* da cultura americana entre biologia, conceitos da biologia (“natureza”) e os símbolos relacionados aos papéis sexuais. Parece autoevidente que as pessoas classificadas como “homens” precisariam criar artificialmente a imagem de uma “mulher”, mas, é claro, as “mulheres” também criam essa imagem “artificialmente”.

Por um lado, há o “cavalheiro desviante”... Neste pólo encontramos os homossexuais “masculinos” e “respeitáveis”, os líderes da maioria das organizações homófilas e assim por diante. No pólo oposto estão as pessoas que mais visível e flagrantemente incorporam o estigma, “drag queens”, homens que se vestem e agem “como mulheres”. As *drag queens* profissionais são, portanto, homossexuais profissionais; elas representam o estigma do mundo gay. Não é de surpreender que, como homossexuais profissionais, *drag queens* considerem sua ocupação uma fonte de desonra, especialmente na relação com o mundo hétero. Sua situação no mundo gay é mais complexa. A *drag queen* que é esperta possui habilidades que são amplamente disseminadas e apreciadas no mundo gay: facilidade verbal e sagacidade, um senso “camp” (um humor e gosto homossexuais)... Em ambientes exclusivamente gays, como bares e festas, *drag queens* podem ser quase uma unanimidade.

— Esther Newton, *Mother Camp*

No início dos anos 1970, apenas dois antropólogos - Sonenschein e Esther Newton - se encontravam entre o grupo levemente mais numeroso de sociólogos que produziam trabalhos etnográficos sobre populações gays. A obra *Mother Camp* (1972), de Newton, uma monografia sobre *female impersonators*, foi a primeira etnografia de fôlego publicada como

livro sobre uma população gay moderna, urbana e ocidental. *Mother Camp* concentra-se no subgrupo mais especializado de *female impersonators profissionais*, mas as observações de Newton sobre a vida da comunidade gay, sua estrutura social e econômica eram perspicazes, originais e fundacionais.

Mother Camp foi baseado na dissertação de Newton defendida em 1968 no departamento de antropologia da Universidade de Chicago, no qual seu orientador foi David Schneider. Newton teve a sorte de estar em Chicago e especialmente de trabalhar com Schneider. Ela se lembrava da qualidade extraordinária e incomum do apoio que Schneider dedicava aos alunos de pós-graduação com características demográficas consideradas não convencionais. Schneider era

uma bênção para com os seus estudantes que como eu, eram marginalizados e fora do estilo acadêmico usual, pois, para além dos homens brancos que todos achavam que seriam bem-sucedidos, Schneider se interessava por estudantes gays no armário e mulheres que estavam batalhando e que não conseguiam atrair facilmente o apoio dos poderosos. Lembro-me bem de quando Schneider me informou sobre a avaliação departamental de fim de ano acerca de meu progresso acadêmico; os professores me transmitiam através de Schneider que o meu uso de calças manifestava uma falta de compromisso com a vocação antropológica... Na sala de estar dos Schneider, em contrapartida, me disseram que usar vestidos não era critério algum na escala última de seus valores¹²³.

Schneider também apoiava tópicos pouco convencionais de pesquisa.

Quando mostrei a David algumas anotações e a minha empolgação com o meu campo, ele me incentivou a fazer de *female impersonators* o objeto de estudo de minha tese de doutorado... Ele me auxiliou a desenvolver as ferramentas intelectuais para realizar o trabalho e, tão importante quanto isso, ele estava preparado para me apoiar com a

123 Newton, *Margaret Mead Made Me Gay*, 217.

124 Ibid., 216.

125 Newton, *Mother Camp*, 132.

126 Esther Newton, comunicação pessoal.

sua influência no departamento... Os gays eram então vistos dentro das ciências sociais como objeto unicamente da psicologia, da medicina, ou mesmo de estudos criminológicos... O que ele [Schneider] transmitiu para mim, mais em seu escritório e em sua casa do que em sua sala de aula, foi que *female impersonators* (sobre os quais ele não sabia nada mais do aquilo que eu dizia a ele) eram um grupo de seres humanos e, assim, necessariamente, possuíam uma cultura digna de ser estudada. A percepção de que os gays não eram apenas uma categoria de seres doentios e isolados, mas um grupo e, portanto, possuíam uma cultura, era um salto de tirar o fôlego cuja ousadia é difícil de recapturar agora¹²⁴.

Newton observou em sua discussão sobre os métodos de trabalho de campo em *Mother Camp*, que “até o presente não havia uma etnografia completa da comunidade homossexual, muito menos do mundo das *drag queens*, de modo que desde o começo eu estava voando às cegas”. Além disso, muito poucas etnografias (exceto no caso dos primeiros estudos de comunidade) haviam sido propostas e realizadas nos Estados Unidos, de modo que meu modelo para os procedimentos no trabalho de campo foi amplamente baseado em procedimentos utilizados em contextos não-urbanos¹²⁵.” Quando Newton começou a discutir o seu trabalho com Schneider, entretanto, ele a direcionou para o contato com a literatura sobre a sociologia do desvio a qual lidava com a sexualidade¹²⁶. Havia pouca literatura antropológica sobre a qual esboçar e desenvolver o seu trabalho, porém Newton cita e utiliza produtivamente os trabalhos etnográficos de Hooker e Sonenschein, a perspectiva sobre estigma de Goffman, as pesquisas sobre sexo de Kinsey, a orientação teórica geral de Simon e Gagnon, as observações econômicas de Leznoff e Westley e a noção de “carreira desviante” desenvolvida com tanta precisão por Becker e outros. Se havia pouco auxílio direto na antropologia, havia muita coisa a se basear na existente sociologia do “desvio”.

Mother Camp é um livro enganosamente

direto, cuja sofisticação e sutileza se tornam mais notáveis a cada leitura. É carregado de observações perspicazes sobre a organização social da vida gay nos anos 1960, a arquitetura social e física das performances gays e a diferenciação estilística e sexual interna das populações gays, bem como aborda as técnicas teatrais específicas de *female impersonators* profissionais. Mas *Mother Camp* é mais profundamente eficaz em três áreas. Ele prefigura noções do gênero como “performato”; fornece uma análise das economias políticas da homossexualidade na década de 1960; e vincula tipos de performances à estratificação econômica, à orientação política e às hierarquias relativas ao *status* social.

O trabalho de Newton se concentrou em um pequeno grupo de *female impersonators* que eram pagos, trabalhavam em palcos de teatros e em cinemas e se consideravam profissionais do entretenimento. Dessa forma, havia sempre um aspecto de performance nas suas atuações como *drags*. Newton ampliou essa noção de performance de gênero ao observar que todo o fenômeno *drag*, “seja formal, informal ou profissional, possui uma estrutura e um estilo teatral”.¹²⁷ Essa característica distintiva do fazer *drag*, argumentava ela, estava em seu “caráter grupal”. A performance de gênero requeria uma audiência. Além disso, ela percebeu o modo como a inversão de gênero no fazer *drag* “questiona a ‘naturalidade’ do sistema de papéis sexuais na sua totalidade; se o comportamento relativo a um papel sexual pode ser alcançado pelo sexo “errado”, segue-se logicamente que ele [o papel sexual] é na realidade também realizado, e não herdado, pelo sexo “correto”¹²⁸. Ademais, o fazer “*drag* implica que o papel sexual e, por extensão, os papéis em geral, é algo superficial e que pode ser manipulado.”¹²⁹

É fascinante que Newton usasse a performance de palco para fazer observações acerca de atividades comuns, ação essa que antecipa as formulações mais refinadas nos trabalhos contemporâneos sobre gênero, em particular, no trabalho de Judith Butler. Butler usa

127 Newton, *Mother Camp*, 37.

128 Ibid., 103.

129 Ibid., 109.

130 Butler, *Gender Trouble*, especialmente nas páginas 136-37, e *Bodies That Matter*.

noções de performatividade mais desenvolvidas filosoficamente, tiradas em parte da teoria sobre os atos de fala. Mas ela cita *Mother Camp* de Newton e usa também como exemplos as performances *drag* e as inversões de gênero para apresentar análises sobre a forma como o gênero é interativamente produzido¹³⁰.

Embora o trabalho de Butler tenha facilitado uma reavaliação contemporânea das primeiras articulações de Newton sobre as relações de gênero com o fazer *drag* e as performances, as contribuições presentes em *Mother Camp* para as economias políticas das sexualidades foram em grande medida ignoradas. Newton baseou-se nas observações de Leznoff e Westley de modo a explorar as relações entre revelação sexual e posições econômicas elevando-as a novos níveis de complexidade. Ela elaborou sobre a distinção proposta pelos autores entre homossexuais explícitos e aqueles se mantinham em segredo, mas usou uma terminologia ligeiramente modificada baseada em “aberto” e “encoberto”.

Os “abertos” vivem a vida toda no contexto da comunidade [gay]; os “encobertos” vivem nela a totalidade das suas vidas, exceto o contexto do trabalho. Ou seja, os “encobertos” são “heterossexuais” durante o horário de trabalho, mas a maioria de suas atividades sociais é conduzida com, e em referência, a outros homossexuais... As distinções entre “aberto” e “encoberto” são correlatas, em certa medida, com aquelas relativas à classe social, mas de modo algum de forma invariável... “Encoberto” significa apenas que alguém não pode ser identificado publicamente pelo mundo hétero e os seus representantes, como chefes, colegas de trabalho, família, senhorios, professores e as pessoas na rua. Esconde-se, ou tenta-se esconder, a identidade homossexual de *peças heterossexuais*. Na terminologia de Goffman, tenta-se administrar o descrédito de alguém através do controle da fachada pessoal e das restrições em torno da vida pessoal¹³¹

Na época do estudo de Newton, no fim dos anos 1960, as comunidades gays na América do Norte eram menos desenvolvidas economicamente e menos diferenciadas institucionalmente do que se tornariam na década de 1970. Sendo assim, ela observou que a comunidade gay “tem relações econômicas, mas não economia. Estritamente falando, o mundo gay não tem um sistema de classes. No entanto, a vida gay tem estratos sociais reconhecíveis aos quais são assignados valores diferenciados. As pessoas falam de bares, festas, roupas e pessoas de “classe alta”, de “classe média” e “classe baixa”.¹³² E a categoria “classe baixa” não era uma designação puramente econômica; ao invés disso, “homossexuais de baixo status que eram socialmente evitados e moralmente desprezados pelas camadas médias e superiores” eram com frequência aqueles que “em sua estilização exuberante e afetada, suas adaptações distintivas e alienação extrema”, eram explicitamente “abertos” na sua autoapresentação¹³³. Havia um conjunto de relações pressupostas entre classe, estigma, abertura quanto a sexualidade e um conjunto resultante de mecanismos destinados a criar limites sociais e a gerenciar os perigos da proximidade com a ruína econômica ou social.

Todos esses vetores se cruzam na grande diferença de status entre dois tipos de *performers drag*: *impersonators* profissionais de um lado, e *street fairies* de outro. “*Street fairies* são homens jovens, homossexuais e desempregados que publicamente sintetizam o estereótipo do homossexual e que são considerados a subclasse do mundo gay... O padrão de palco de *female impersonators*, por outro lado, separa o estigma do âmbito pessoal limitando-o ao contexto do palco tanto quanto possível. O trabalho é visto como uma profissão com objetivos e padrões a serem seguidos¹³⁴.” *Female impersonators* eram, na verdade, “homossexuais profissionais”, que podiam encontrar o ganha-pão a partir da

131 Newton, *Mother Camp*, 21-22.

132 *Ibid.*, 28.

133 *Ibid.*, 29.

134 *Ibid.*, 8.

135 Nota dos Tradutores: no original, “*Street drag was tacky...*”

136 *Ibid.*, 49.

expressão explícita de identidades estigmatizadas. Por um lado, eles representavam o estigma da homossexualidade; por outro lado, eram figuras públicas celebradas por seu *glamour* e ocupavam uma posição de *status* relativamente alta no contexto de quem se apresentava como *drag*.

As *performers* profissionais desprezavam as *street fairies* e tentavam manter distância social delas. O fazer *drag* de rua era “brega”¹³⁵, o que significava dizer que era algo tido como “barato, esfarrapado ou de péssima qualidade... ‘Brega’ é um termo pejorativo. Nenhuma outra palavra foi usada mais consistentemente por *performers* mais velhos, mais direcionados ao *show-business*, de modo a descrever a aparência de *performers* de rua com *status* mais baixo... “Brega” é indiretamente, portanto, um termo descritivo relativo à classe.”¹³⁶

Tal desaprovação de expressões óbvias da homossexualidade estigmatizada e desacreditada era algo situacional e móvel.

Isso pode ser visto como uma hierarquia de estigmatização ou do caráter de “obviedade”. Qualquer grupo em particular tenderá a desenhar uma linha logo abaixo de si mesmo. Por exemplo, *female impersonators* são considerados pela maioria dos homossexuais como por demais “abertos”. Eles são colocados frequentemente no extremo inferior do *continuum* da estigmatização, e uma das primeiras coisas que *female impersonators* devem aprender é não reconhecer ninguém na rua ou em qualquer outro lugar público, a menos que sejam reconhecidos primeiro. No entanto, *female impersonators* que acreditam serem menos “abertos” tentam evitar a associação pública com *female impersonators* os quais consideram “óbvios demais”, e pouquíssimos *impersonators* se associarão publicamente com as “*street fairies*”, garotos que usam maquiagem na rua, porque “não há necessidade de vestir uma placa [que diga “sou homossexual!”]. Acredito que eu possa passar [por heterossexual].” Aqueles que estão na extremidade inferior se ressentem daqueles acima deles¹³⁷.

As condições marginais da economia gay pré-*Stonewall* tornaram a manutenção de uma carreira de alto *status* um tanto perigosa. Os próprios locais das performances eram estratificados. No extremo inferior estava o bar *gay*, sempre vulnerável à intervenção da polícia. “Qualquer bar *gay* está vivendo a empurrar com a barriga as incertezas, e nem os donos nem a clientela podem contar com a permanência. Portanto, os bares gays geralmente operam em grande medida em uma política do dinheiro rápido. Isso é mais extremo onde a pressão da polícia é mais intensa e menos pronunciada onde os proprietários podem contar com algum grau de estabilidade. Porém, a política do dinheiro rápido significa que os proprietários investem pouco nos espaços, mantêm baixas as despesas gerais e operacionais e tentam obter lucros da forma mais rápida¹³⁸” Como um resultado, os bares tendiam a ser pequenos estabelecimentos em condições precárias, com baixos salários para os artistas que se apresentavam, e a “estabilidade no emprego [era] zero”, porque o “bar poderia ser fechado a qualquer momento¹³⁹”.

No topo da escala de *status*, de instalações e de retorno financeiro estava o “clube turístico”, onde uma clientela predominantemente heterossexual se dirigia para acessar um entretenimento “exótico”. Tais clubes possuem uma ampla base de clientes e estão sujeitos a uma atenção policial bem menos punitiva; eles “são instituições estáveis, tendo os bares gays como padrão. A estabilidade... permite que o bar turístico tenha pelo menos três vezes o tamanho de um bar *gay* padrão. Não apenas o palco é mais amplo para acomodar um show maior e mais luxuoso, como o espaço para o público é também superior de modo a acomodar um número maior pessoas. Do ponto de vista do *performer*, trabalhar em um clube turístico significa trabalhar em um espetáculo maior e mais elaborado... Em termos de comodidades físicas (camarim), instalações de palco (iluminação, cortinas, banda), e o tempo

137 Ibid., 25.

138 Ibid., 115.

139 Ibid., 116.

140 Ibid., 118.

141 Ibid., 123-24.

real despendido em atividades sobre o palco, o show no clube turístico é provavelmente mais fácil para os *performers*. Entretanto, os artistas em um clube turístico são tidos como aberrações, ou como palhaços, dispostos ali para serem exibidos a um público hostil.”¹⁴⁰ Assim sendo, os bares turísticos oferecem maior compensação financeira e melhores condições de trabalho ao custo de uma auto-estima potencialmente danificada.

A marginalidade social e a escassez de locais de trabalho para *impersonators* significavam que mesmo os profissionais de *status* mais alto viviam muitas vezes precariamente próximos ao desastre. “O gerente é o homem que os *impersonators* mais temem”, observa Newton, “pois ele tem um grande controle sobre eles e, em última análise, tem o poder de contratar e de demitir. Os *impersonators* não têm como reagir; não há formas de recorrer... Nenhum dos *performers* trabalhavam sob contrato, de modo que podiam ser (e eram) demitidos a qualquer momento. Ninguém sabia quando o machado cairia sobre suas cabeças. Os requisitos para a manutenção de empregos não eram formalizados e nem explicitados, embora os *performers* soubessem que se contrapor ou antagonizar seriamente, de quaisquer formas, aos gerentes poderia significar uma demissão.”¹⁴¹ Como resultado, a linha de demarcação e o limite real entre *impersonators* mais respeitáveis e prósperos e as *street fairies* mais desonrosas e empobrecidas era perigosamente tênue. Muitos profissionais haviam sido *street fairies* antes de se tornarem *impersonators*, e “se eles perdessem seus empregos ou se demitissem, não teriam mais para onde ir, a não ser voltar às ruas. Quando *impersonators* dos palcos falavam em se demitir, eles diziam que queriam “partir de cabeça erguida”. Mas quando perguntei a um performer de rua o que drag queens fazem

quando estão desempregadas, ele disse: “Elas colocam suas bundas na rua, minha querida, e vendem suas bucinhas pelo que puderem conseguir com elas.”¹⁴² A real instabilidade econômica e as fronteiras permeáveis contrastam com a diferenciação simbólica cuidadosamente cultivada entre o palco e a rua.

A riqueza descritiva e a elegância analítica de Newton se entrelaçaram e abordaram a muitos dos temas das pesquisas que as antecederam. Isso inclui as observações de Park sobre a importância das cidades para as subculturas sexuais, a ênfase de Hooker e Aquiles na centralidade social dos bares para as comunidades gays e no papel da polícia em delimitar os parâmetros das instituições sociais homossexuais, assim como as economias políticas do armário e da divulgação pública da sexualidade articuladas pela primeira vez por Leznoff e Westley. Newton explora em detalhes ainda mais exuberantes a complexa diferenciação interna das populações gays notada por observadores anteriores. Ela expande produtivamente o questionamento, produzido por Goffman e Becker, das hierarquias morais do desvio; a apropriação, por parte de Simon e Gagnon, do estudo da sexualidade para sob o alcance disciplinar das ciências sociais e também a prefiguração das teorias de construção social implícitas nos escritos de Simon, Gagnon e Reiss. *Mother Camp* cita a Becker, Goffman, Hooker, Gagnon, Simon, Sonenschein, Leznoff e Westley. Newton trouxe habilmente as ferramentas teóricas e os movimentos táticos desse conjunto de autores para dar suporte ao que é, em última instância, uma síntese magistral conectando gênero, classe, estigma, apresentação de si e as economias políticas das sexualidades marginais no período anterior a *Stonewall*.

O trabalho de Newton está situado no interior de uma longa tradição sociológica e se

142 Ibid., 10.

143 Desde 1970, os sociólogos empreenderam uma série de importantes projetos etnográficos e analíticos. O primeiro e mais famoso destes foi o estudo de Laud Humphreys, *Tearoom Trade: Impersonal Sex in Public Places*. Durante o final dos anos 70, vários livros apareceram quase simultaneamente. Os livros *The Social Organization of Gay Males*, de Joseph Harry e William DeVall, *Getting Sex*, de John Allan Lee, e *Identities in the Lesbian World*, de Barbara Ponse, apareceram todos em 1978. No ano seguinte se viu publicada a maravilhosa antologia de Martin Levine, intitulada *Gay Men: The Sociology of Homosexuality Male*. Também publicado em 1978 estava o livro *Homosexualities*, de Bell e Weinberg. Embora aquele volume tenha sido baseado principalmente em questionários e em *surveys*, ali foi incluído um apêndice sob o título “*Ethnography of the Bay Area Homosexual Scene*”. Em 1983, *The Mirror Dance*, de Susan Kreiger, surgiu.

localiza no início de uma linhagem mais recente de antropólogos. Embora *Mother Camp* devesse ter marcado uma nova onda de trabalhos sobre homossexualidade dentro da antropologia, o livro foi em grande medida ignorado e a ele se seguiu um trovejante silêncio que perdurou por um longo e doloroso hiato. Por muitos anos, *Mother Camp* permaneceu solitário, um documento excepcional sem companhia ou sucessores aparentes. Seriam necessárias quase duas décadas até que houvesse uma maior quantidade de literatura antropológica sobre comunidades gays urbanas nos Estados Unidos¹⁴³.

Em 1979, o estudo de Deborah Goleman Wolf sobre *The Lesbian Community* foi publicado. No mesmo ano, o importante ensaio de Stephen Murray sobre homossexuais como comunidades “quase-étnicas” foi publicado, embora em um periódico da sociologia. Em 1980 surge o livro *Other Voices: The Style of a Male Homosexual Tavern*, de Kenneth Read. Uma grande leva de importantes trabalhos foi publicada durante a década de 1980, por exemplo, a coleção editada por Blackwood, *The Many Faces of Homosexuality* (1986) e uma literatura florescente sobre a AIDS. O livro *Guardians of the Flutes* (1981), de Gilbert Herdt, foi um marco na antropologia das práticas homossexuais, ainda que não dissesse respeito a uma população urbana moderna.

Foi apenas na década de 1990, no entanto, quase duas décadas após a publicação do *Mother Camp*, que uma literatura substancial começou a se acumular. O quão repentina foi essa mudança pode ser algo percebido através de dois artigos presentes no periódico *Annual Review of Anthropology*. Em 1987, um ensaio de revisão intitulado “*The Cross-Cultural Study of Human Sexuality*” ainda podia comentar que “a omissão mais gritante na pesquisa profissional sobre práticas sexuais é certamente na área da homossexualidade. Embora as tentativas iniciais tenham sido realizadas para descrever os padrões de excitação e de atração entre pessoas do mesmo sexo, este tópico se tornou rapidamente ‘*underground*’ e somente hoje recebe a atenção séria a que merece¹⁴⁴”.

Em 1993, o crescimento das pesquisas gay

e lésbica na antropologia foi tão dramático que o periódico incluiu o artigo de revisão de Kath Weston sobre o assunto, meros seis anos após a revisão de 1987 reclamar da escassez de tal material.

As publicações desde 1990 incluíam o livros *Families We Choose: Lesbians, Gays, Kinship* (1991), de Weston, e a coleção editada por Gilbert Herdt, *Gay Culture in America* (1992). Três estudos pioneiros e de referência realizados por antropólogos finalmente foram publicados em 1993, após muitos anos de antecipação: *Boots of Leather, Slippers of Gold: The History of a Lesbian Community (in Buffalo)*, de Elizabeth Kennedy e Madeline Davis; *Lesbian Mothers* por Ellen Lewin; e o estudo de Esther Newton sobre *Cherry Grove, Fire Island*. Desde 1993, um aumento exponencial tem ocorrido no número de publicações, resultando em uma rica e substancial literatura etnográfica sobre gays, lésbicas, bissexuais, transgêneros e outras populações eroticamente marcadas.

Legados e Lições

Meu próprio trabalho possui uma profunda dívida com estudiosos como Esther Newton, John Gagnon e William Simon. Eles me permitiram contemplar a possibilidade de realizar um trabalho etnográfico em comunidades sexuais de contextos urbanos da América do Norte em uma época em que tais projetos estavam fora dos parâmetros aceitos para uma pesquisa antropológica. O *corpus* de ideias que eles transmitiram possuía fontes as quais eu desconhecia, mas forneceu referenciais intelectuais para pensar como um cientista social sobre populações eróticas marginalizadas e estigmatizadas. Quando finalmente descobri Robert Park e Howard Becker, por exemplo, eles eram chocantemente familiares, isso se deve ao fato de que suas impressões digitais estavam em todos os textos que eu havia lido.

Minha pesquisa sobre comunidades gays urbanas produziu em mim uma apreciação ainda maior dos textos etnográficos mais antigos, e eu

144 Davis e Whitten, “*The Cross-Cultural Study of Human Sexuality*”, 71.

continuo impressionada com sua sofisticação conceitual e sua riqueza descritiva. A importância dos bares para a vida social gay e lésbica em meados do século XX pode não parecer muito interessante ou excitante à primeira vista. Os bares gays são tão familiares que é fácil esquecer que os bares, em seu sentido moderno, realmente não existiam nos Estados Unidos até depois da revogação da Lei Seca, quando tavernas e cafés foram reestruturados como instalações licenciadas para a venda de bebidas alcóolicas; esquece-se também que os regulamentos de licença para a venda de tais bebidas moldaram poderosamente as práticas sociais urbanas; e que a escalada do preço do mercado imobiliário urbano e o aumento da disponibilidade de acesso à internet podem estar minando a viabilidade e a centralidade dos bares como instituições sociais gays. Os bares gays podem estar desvanecendo ou, pelo menos, estarem se eclipsando como instituições, mas comparativamente eles têm sido tão característicos da homossexualidade de meados do século XX quanto a figura do *Big Man* é para os sistemas políticos das terras altas da Nova Guiné ou como são os circuitos comerciais de grande escala para os povos indígenas do Pacífico Sul. Ter conhecimento dessa importância dos bares gays e pensar sobre a sua significância em transformação não é algo tão trivial como possa parecer em um primeiro olhar. De modo similar, as complexas intersecções de classe, raça, *status* social, renda, orientação sexual, identidade de gênero, segregação profissional e expressão estilística demandam o prosseguimento de investigações.

Devido ao fato dos idiomas das pesquisas de décadas anteriores poderem parecer datados, sua sutileza e originalidade teóricas são frequentemente subestimadas. Entretanto, muitas ideias articuladas nesses textos continuam a ressoar nos estudos contemporâneos, mesmo quando suas fontes são obscurecidas. O trabalho desses autores permeou os paradigmas de construção social e auxiliou a constituir-los. Essa literatura tem sido crucial ao batalhar pela autoridade intelectual sobre a sexualidade em oposição a monopolização desta pela medicina e pela psiquiatria, estabelecendo firmemente as reivindicações intelectuais (se não institucionais) das ciências sociais no campo dos estudos sobre

a sexualidade. Finalmente, tanto nas inovações teóricas quanto nas contribuições etnográficas, os textos discutidos aqui têm sido forças muito importantes na substituição dos modelos de “perversão” relativos à variedade sexual, os quais pressupõem algum tipo de patologia, por modelos de “diversidade”, que implicam igualdade moral e uma legitimidade mais nivelada.

É comum confundir o local onde encontramos pela primeira vez uma revelação teórica como sendo o local da sua manifestação original e, assim, confundir a própria biografia intelectual de alguém com alguma sequência mais ampla e pública de eventos. Neste ensaio, espero que eu não esteja, inadvertidamente, cometendo o mesmo erro e confundindo os meus caminhos de descoberta com uma história geral. Certamente não quero propor um novo ou simplista conto de origem para aqueles a quem critiquei. No entanto, muito do que nós agora tomamos como dado na antropologia da sexualidade e da homossexualidade possui uma grande dívida a um conjunto um tanto estranho de sociólogos urbanos, historiadores da homossexualidade e a bravos e pioneiros etnógrafos que foram onde quase ninguém havia ido antes e que enfrentaram um considerável risco ao fazê-lo. Há muito a aprender olhando para trás e vendo o quanto eles fizeram. Se as suas contribuições foram tão prontamente esquecidas, isso se deve menos a um comentário sobre esses trabalhos em si do que às extraordinárias limitações das circunstâncias intelectuais e institucionais nas quais estes trabalhos e pesquisadores operaram.

Referências Bibliográficas

- ACHILLES, Nancy. “The Development of the Homosexual Bar as an Institution.” *Sexual Deviance*, ed. GAGNON, John; SIMON, William, 228-44. New York: Harper and Row, 1967.
- ALTHUSSER, Louis. BALIBAR, Etienne. *Reading Capital*. London: New Left, 1970.
- ALTMAN, Dennis, et al. *Homosexuality, Which Homosexuality? International Conference on Gay and Lesbian Studies, Amsterdam*. London: Gay Mens Press, 1989.

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Diagnostic and Statistical Manual, Mental Disorders*. Washington: American Psychiatric Association, 1952.
- _____. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*. 2nd edn. Washington.
- _____. American Psychiatric Association, 1968. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*. 3rd edn. Washington: American Psychiatric Association, 1980.
- _____. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*. 3rd edn., rev. Washington: American Psychiatric Association, 1987.
- _____. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*. 4th edn. Washington: American Psychiatric Association, 1994.
- ANDERSON, Nels. *The Hobo: The Sociology of the Homeless Man*. Chicago: University of Chicago Press, 1923.
- _____. *On Hobos and Homelessness*. 1923; reprint, Chicago: University of Chicago Press, 1998.
- BAYER, Ronald. *Homosexuality and American Psychiatry: The Politics of Diagnosis*. New York: Basic, 1981.
- BECKER, Howard S. *Outsiders: Studies in the Sociology of Deviance*. New York: Free Press, 1973.
- _____, ed. *The Other Side: Perspectives on Deviance*. New York Free Press, 1964.
- _____. "Whose Side Are We On?" *Sociological Work: Method and Substance*, ed. Howard S. Becker, 123-34. 1967; reprint, New Brunswick Transaction, 1970.
- _____; with DEBRO, Julius. "Dialogue with Howard S. Becker (1970): An Interview Conducted by Julius Debro." *Doing Things Together: Selected Papers*, ed. BECKER, Howard S., 25-46. Evanston: Northwestern University Press, 1986.
- BELL, Alan P., WEINBERG, Martin S.. *Homosexualities: A Study in Diversity among Men and Women*. New York: Simon and Schuster, 1978.
- BÉRUBÉ, Allan. "Coming Out Under Fire." *Mother Jones*, February-March 1983, 45.
- _____. "Dignity for All: The Role of Homosexuality in the Marine Cooks and Stewards Union (1930S-1950S)." Paper delivered at the "Reworking American Labor History: Race, Gender, and Class" conference, Madison, Wisconsin, 1993.
- _____. "The History of the Bathhouses." *Policing Public Sex: Queer Politics and the Future of AIDS Activism*, ed. Dangerous Bedfellows, 187-220. Boston: South End, 1996.
- BRANDT, Allan M. *No Magic Bullet: A Social History of Venereal Disease in the United States since 1880*. New York: Oxford University Press, 1985.
- BROWN, Lester K. *Two Spirit People: American Indian Lesbian Women and Gay Men*. New York: Harrington Park, 1997.
- BULMER, Martin. *The Chicago School of Sociology: The Institutionalization, Diversity, and the Rise of Sociological Research*. Chicago: University of Chicago Press, 1984.
- BUTLER, Judith. *Bodies That Matter: On the Discursive Limits of "Sex"*. New York: Routledge, 1993.
- _____. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York: Routledge, 1990.
- CHAPOULIE, Jean-Michel. "Everett Hughes and the Chicago Tradition." Translated by Howard S. Becker. *Sociological Theory* 14, no. 1 (1996): 3-29.
- CHAUNCEY, George. *Gay New York: Gender, Urban Culture, and the Making of the Gay World, 1890-1940*. New York: Basic, 1994.
- _____. "From Sexual Inversion to Homosexuality: Medicine and the Changing Conceptualization of Female Deviance." In "Homosexuality: Sacrilege, Vision, Politics," ed. BOYERS, Robert; STEINER, George. Special issue of *Salmagundi* 58-59 (fall-winter 1982-83):

- 114-46.
- _____. "Christian Brotherhood or Sexual Perversion? Homosexual Identities and the Construction of Sexual Boundaries in the World War One Era." *Journal of Social History* 19 (winter 1995): 189-211.
- CONNELLY, Mark Thomas. *The Response to Prostitution in the Progressive Era*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1980.
- CREESEY, Paul G. *The Taxi-Dance Hall: A Sociological Study in Commercialized Recreation and City Life*. 1932. New York Greenwood, 1968.
- DAVIS, D. L., and R. G. Whitten. "The Cross-Cultural Study of Human Sexuality." *Annual Reviews in Anthropology* 16 (1987): 69-98.
- DEVEREAUX, George. "Institutionalized Homosexuality among Mohave Indians." *Human Biology* 9, no. 4 (1937): 498-529.
- D'EMILIO, John; FREEDMAN, Estelle B., eds. *Intimate Matters: A History of Sexuality in America*. New York: Harper and Row, 1988.
- D'EMILIO, John. "Allan Bérubé's Gift to History." *Gay and Lesbian Review Worldwide* 15, no. 3 (2008): 10-13.
- _____. "Capitalism and Gay Identity." *Powers of Desire*, ed. SNITOW, Ann et al., 100-113. New York: Monthly Review Press, 1983.
- _____. *Sexual Politics, Sexual Communities: The Making of a Homosexual Minority in the United States, 1940-1970*. Chicago: University of Chicago Press, 1983.
- _____. "Gay Politics, Gay Community: The San Francisco Experience." *Socialist Review* (January-February 1981): 77-104.
- _____. "The Homosexual Menace: The Politics of Sexuality in Cold War America." *Passion and Power: Sexuality in History*, ed. PEISS, Kath; SIMMONS, Christina; PADGUG, Robert, 226-40. Philadelphia: Temple University Press, 1989.
- _____. *Making Trouble: Essays on Gay History, Politics, and the University*. New York: Routledge, 1992.
- DOSSE, François. *History of Structuralism*. Vol. 1, *The Rising Sign, 1945-1966*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.
- _____. *History of Structuralism*. Vol. 2, *The Sign Sets, 1967-Present*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.
- DREXEL, Allen. "Before Paris Burned: Race, Class, and Male Homosexuality on the Chicago South Side, 1935-1960." *Creating a Place for Ourselves*, ed. BEEMYN, Brett, 119-44. New York: Routledge, 1997.
- DUBERMAN, Martin B.; VICINUS, Martha; CHAUNCEY, George., eds. *Hidden from History: Reclaiming the Gay and Lesbian Past*. New York New American Library, 1989.
- DUGGAN, Lisa. "The Binds that Divide." *off our backs* 15, no. 11 (1985): 26.
- _____. "Of Meese and Women: Porn Panic's New Face." *Village Voice*, 3 December 1985, 33-35.
- _____. *Sapphic Slashers: Sex, Violence, and American Modernity*. Durham: Duke University Press, 2000.
- _____. "The Trials of Alice Mitchell: Sensationalism, Sexology, and the Lesbian Subject in Turn-of-the-Century America." *Signs* 18, no. 4 (1993): 791-814.
- DUGGAN, Lisa; HUNTER, Nan D.. *Sex Wars: Sexual Dissent and Political Culture*. New York: Routledge, 1995.
- EPSTEIN, Steven. "A Queer Encounter: Sociology and the Study of Sexuality." *Queer Theory/Sociology*, ed. SEIDMAN, Steven, 145-67. Cambridge: Blackwell, 1996.
- ERIBON, Didier. "Michel Foucault's Histories of Sexuality." Translated by Michael Lucey. *GLQ* 7, no. 1 (2001): 31-86.
- ESCOFFIER, Jeffrey. *American Homo: Community and Perversity*. Berkeley: University of California Press, 1998.
- _____. "Generations and Paradigms: Mainstreams in Lesbian and Gay Studies." *Gay and Lesbian Studies*, ed. MILTON, Henry, 112-

27. New York: Harrington Park, 1992.
- _____. "Inside the Ivory Closet The Challenges Facing Lesbian and Gay Studies." *Outlook* 10 (fall 1990): 2-26.
- _____. "Reading the Social: Homosexuality and the Sociological Imagination in the Fifties and Sixties." Paper delivered at the Center for Lesbian and Gay Studies, City University of New York, 1993.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. "Sexual Inversion among the Azande." *American Anthropologist* 72 (1970): 1428-34.
- FOUCAULT, Michel. *The History of Sexuality*. Vol. 1, *An Introduction*. Translated by Robert Hurley. New York: Pantheon, 1978.
- _____. *Madness and Civilization: A History of Insanity in the Age of Reason*. Translated by Richard Howard. New York Pantheon, 1965.
- _____. *The Order of Things*. New York Pantheon, 1970.
- FORD, Clellen S.; BEACH, Frank A.. *Patterns of Sexual Behavior*. New York: Harper and Row, 1951.
- FREEDMAN, Estelle. "Uncontrolled Desires: The Response to the Sexual Psychopath, 1920-1960." *Journal of American History* 74, no. 1 (1987): 83-106.
- GAGNON, John. *Human Sexualities*. Glenview, 111.: Scott, Foresman, 1977.
- _____. "Sexual Conduct: As Today's Memory Serves." *Sexualities* 2, no. 1 (1999): 115-26.
- _____. "An Unlikely Story." *Authors of Their Own Lives: Intellectual Autobiographies of Twenty American Sociologists*, ed. BERGER, Bennett M., 213-34. Berkeley: University of California Press, 1992.
- GAGNON, John; SIMON, William. *Sexual Deviance*. New York: Harper and Row, 1967.
- _____, eds. *Sexual Conduct: The Social Sources of Human Sexuality*. Chicago: Aldine, 1973.
- _____. *The Sexual Scene*. Chicago: Aldine / Trans-Action, 1970.
- GALLIHER, John E, ed. "Chicago's Two Worlds of Deviance Research: Whose Side Are They On?" *A Second Chicago School? The Development of a Postwar American Sociology*, ed. FINE, Gary Alan, 164-87. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- GARBER, Eric. "Gladys Bendey: The Bulldagger Who Sang the Blues." *OUTlook: National Lesbian and Gay Quarterly* 1 (ca. 1998): 52-61.
- _____. "A Historical Directory of Lesbian and Gay Establishments in the San Francisco Bay Area." Unpublished manuscript, Gay and Lesbian Historical Society of Northern California, 1990.
- _____. "A Spectacle in Color: The Lesbian and Gay Subculture of Jazz Age Harlem." *Hidden from History: Reclaiming the Gay and Lesbian Past*, ed. DUBERMAN, Martin B.; VICUNUS, Martha; CHAUNCEY JR., George, 318-31. New York: New American Library, 1991.
- HALPERIN, David. *One Hundred Years of Homosexuality and Other Essays on Greek Love*. New York: Roudedge, 1990.
- HALPERIN, David; WINKLER, John J., ZEITLIN, Froma I., eds. *Before Sexuality: The Construction of Erotic Experience in the Ancient Greek World*. Princeton: Princeton University Press, 1990.
- HANSEN, Bert. "The Historical Construction of Homosexuality." *Radical History Review* 20 (spring-summer 1979): 66-75.
- HARRY, Joseph; DEVALL, William B.. *The Social Organization of Gay Males*. New York: Praeger, 1978.
- HEAP, Chad C. *Homosexuality in the City: A Century of Research at the University of Chicago*. Exhibition catalogue. Chicago: University of Chicago Library, 2000.
- HERDT, Gilbert. . *Guardians of the Flutes: Idioms of Masculinity*. New York: McGraw-Hill, 1981.
- _____. *Ritualized Homosexuality in Melanesia*. Berkeley: University of California Press, 1984.
- _____, ed. *Gay Culture in America: Essays*

from the Field. Boston: Beacon, 1992.

HERSKOVITZ, Melville. "A Note on Woman Marriage' in Dahomey." *Africa* 10, no. 3 (1937): 335-41-

HOOKE, Evelyn. "The Homosexual Community." 1961. *Sexual Deviance*, ed. John GAGNON; SIMON, William, 167-84. New York Harper and Row, 1967.

HUMPHREYS, Laud. *Tearoom Trade: Impersonal Sex in Public Places*. New York Aldine, 1979.

JACOBS, Sue-Ellen; THOMAS, Wesley; LANG, Sabine, eds. *Two-Spirit People: Native American Gender Identity, Sexuality, and Spirituality*. Urbana: University of Illinois Press, 1997.

JAGOSE, Annamarie. *Queer Theory: An Introduction*. New York: New York University Press, 1996.

JOHNSON, David. "The Kids of Fairytown: Gay Male Culture on Chicago's Near North Side in the 1930s." *Creating a Place for Ourselves*, ed. BEEMYN, Brett, 97-118. New York: Routledge, 1997.

KATZ, Jonathan Ned. *Gay American History: Lesbians and Gay Men in the U.S.A.* New York: Thomas Crowell, 1976.

_____. *Gay/Lesbian Almanac A New Documentary*. New York: Harper and Row, 1983.

_____., ed. *Homosexuality: Lesbians and Gay Men in Society, History, and Literature*. New York: Arno, 1975.

_____. "The Invention of Heterosexuality." *Socialist Review* 20, no. 1 (1990): 7-34. . *The Invention of Heterosexuality*. New York: Plume, 1995.

KELLY, Raymond. "Witchcraft and Sexual Relations: An Exploration of the Social and Semantic Implications of the Structure of Belief." Paper presented at the seventy-third annual meeting of the American Anthropological Association, Mexico City, 1974.

KENNEDY, Elizabeth Lapovsky; DAVIS,

Madeline D.. *Boots of Leather, Slippers of Gold: The History of a Lesbian Community*. New York: Routledge, 1993.

_____. "The Reproduction of Butch-Fem Roles: A Social Constructionist Approach." *Passion and Power: Sexuality in History*, ed. PEISS, Kath; SIMMONS, Christina; PADGUG, Robert, 241-56. Philadelphia: Temple University Press, 1989.

KINSEY, Alfred; POMEROY, Wardell B.; MARTIN, Clyde E.. *Sexual Behavior in the Human Male*. Philadelphia: W. B. Saunders, 1948.

KREIGER, Susan. *The Mirror Dance: Identity in a Women's Community*. Philadelphia: Temple University Press, 1983.

LANGUM, David *Crossing Over the Line: Legislating Morality and the Mann Act*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

LEE, John Allan. *Getting Sex: A New Approach, More Sex, Less Guilt*. Don Mills, Ontario: Musson, 1978.

LEVINE, Martin P. *Gay Men: The Sociology of Male Homosexuality*. New York: Harper Colophon, 1979.

LEVINE, Martin P.; NARDI, Peter M.; GAGNON, John H. G, eds. *In Changing Times: Gay Men and Lesbians Encounter HIV/AIDS*. Chicago: University of Chicago Press, 1997.

LEZNOIF, Maurice; WESTLEY, William A.. "The Homosexual Community." *Sexual Deviance*, ed. GAGON, John; SIMON, William, 184-96. New York Harper and Row, 1967.

McINTOSH, Mary. "The Homosexual Role." *Social Problems* 16, no. 2 (1968): 182-92.

MARSHALL, Donald S.; SUGGS, Robert C., eds. *Human Sexual Behavior: Variations in the Ethnographic Spectrum*. New York: Basic, 1971

MCMURTRIE, Douglas. "A Legend of Lesbian Love among North American Indians." *Urologie and Cutaneous Review* (April 1914): 192-9

- MUMFORD, Kevin. "Homosex Changes: Race, Cultural Geography, and the Emergence of the Gay." *American Quarterly* 48, no. 3 (September 1996): 395-414.
- _____. *Interzones: Black/White Sex Districts in Chicago and New York in the Early Twentieth Century*. New York: Columbia University Press, 1997.
- MURRAY, Stephen O. "The Institutional Elaboration of a Quasi-Ethnic Community." *International Review of Modern Sociology* 9, no. 2 (1979): 155-75.
- NARDI, Peter; SCHNEIDER, Beth, eds. "Kinsey: A Fiftieth-Anniversary Symposium," *Sexualities* 1, no. 1 (1998): 83-106.
- _____. *Social Perspectives in Lesbian and Gay Studies*. New York: Routledge, 1998.
- NEWTON, Esther. *Cherry Grove, Fire Island: Sixty Years in America's First Gay and Lesbian Town*. Boston: Beacon, 1993.
- _____. *Margaret Mead Made Me Gay: Personal Essays, Public Ideas*. Durham: Duke University Press, 2000.
- _____. *Mother Camp: Female Impersonators in America*. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall, 1972.
- _____. "The Mythic Mannish Lesbian: Radclyffe Hall and the New Woman." *Hidden from History: Reclaiming the Gay and Lesbian Past*, ed. DUBERMAN, Martin Baum; VICINUS, Martha; CHAUNCEY JR., George, 281-93. New York: New American Library, 1989.
- ODEM, Mary. *Delinquent Daughters: Protecting and Policing Adolescent Female Sexuality in the United States, 1885-1920*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1995.
- PADGUG, Robert A. "Sexual Matters: On Conceptualizing Sexuality in History." *Radi- cal History Review* 20 (spring-summer 1979): 3-23.
- PARK, Robert E.; BURGESS, Ernest W.; MCKENZIE, Roderick. *The City*. 1925. Chicago: University of Chicago Press, 1967.
- PEISS, Kathy. *Cheap Amusements: Working Women and Leisure in Turn-of-the-Century New York*. Philadelphia: Temple University Press, 1986.
- PEISS, Kathy; SIMMONS, Christina Simmons; PADGUG, Robert A., eds. *Passion and Power. Sexuality in History*. Philadelphia: Temple University Press, 1989.
- PLUMMER, Kenneth, ed. *The Making of the Modern Homosexual*. London: Hutchinson, 1981.
- _____, ed. *Modern Homosexualities: Fragments of Lesbian and Gay Experience*. New York: Routledge, 1992.
- _____. *Sexual Stigma: An Interactionist Account*. New York: Routledge and Kegan Paul, 1975.
- POLANYI, Karl. *The Great Transformation*. New York: Farrar and Rinehart, 1944.
- POLANYI, Karl; ARENSBERG, Conrad; PEARSON, Henry, eds. *Trade and Market in the Early Empires: Economies in History and Theory*. 1957. Chicago: Gateway, 1971.
- PONSE, Barbara. *Identities in the Lesbian World: The Social Construction of Self*. Westport, Conn.: Greenwood, 1978.
- RECKLESS, Walter C. *Vice in Chicago*. 1933. Montclair: Patterson Smith, 1969.
- REINHARZ, Shulamit. "The Chicago School of Sociology and the Founding of the Graduate Program in Sociology at Brandeis University: A Case Study in Cultural Diffusion." *A Second Chicago School? The Development of a Postwar American Sociology*, ed. FINE, Gary Allan, 273-321. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- REITER, Rayna R, ed. *Toward an Anthropology of Women*. New York: Monthly Review Press, 1975.
- REISS, Albert. "The Social Integration of Peers and Queers." 1961. *Sexual Deviance*, ed. GAGNON, John; SIMON, William, 197-227. New York: Harper and Row, 1967.

- ROBINSON, Paul. *The Modernization of Sex*. New York: Harper and Row, 1976.
- ROSALDO, Michelle Zimbalist; LAMPHERE, Louise, eds. *Women, Culture, and Society*. Stanford: Stanford University Press, 1974.
- ROSCOE, Will. *The Zuni Man-Woman*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1991.
- RUBIN, Gayle, with Judith BUTLER. "Interview: Sexual Traffic." *differences* 6, no. 2-3 (1994): 62-99.
- RUBIN, Gayle. "Afterword to 'Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality.'" *American Feminist Thought, 1982-1992*, ed. KAUFFMAN, Linda S., Oxford: Basil Blackwell, 1993.
- _____. "Coconuts: Aspects of Male/Female Relationships in New Guinea." Unpublished manuscript, 1974.
- _____. "A Contribution to the Critique of the Political Economy of Sex and Gender." *Dissemination* 1, no. 1 (1974): 6-13.
- _____. "A Contribution to the Critique of the Political Economy of Sex and Gender." *Dissemination* 1, no. 2 (1974): 23-32.
- _____. "Elegy for the Valley of the Kings: AIDS and the Leather Community in San Francisco, 1981-1996." *Changing Times: Gay Men and Lesbians Encounter mv/ AIDS*, ed. LEVINE, Martin; NARDI, Peter, GAGNON, John, 101-44. Chicago: University of Chicago Press, 1997.
- _____. Introduction to *A Woman Appeared to Me*, by Renée Vivien. Weatherby Lake, Miss.: Naiad, 1979.
- _____. "The Leather Menace." *Coming to Power*, ed. Samois, 192-227. Boston: Alyson, 1982.
- _____. "Letter to the Editor." *Feminist Studies* 9, no. 3 (1983): 598-601.
- _____. "The Miracle Mile: South of Market and Gay Male Leather in San Francisco 1962-1996." *Reclaiming San Francisco: History, Politics, Culture*, ed. BROOK, James; CAILLSON, Chris; PETERS, Nancy, 247-72. San Francisco: City Lights, 1998.
- _____. "Misguided, Dangerous, and Wrong: An Analysis of Anti-Pornography Politics." *Bad Girls and Dirty Pictures: The Challenge to Reclaim Feminism*, ed. ASSITER, Alison; CAROL, Avedon, 18-40. London: Pluto, 1993.
- _____. "Requiem for the Valley of the Kings." *Southern Oracle* (fall 1989).
- _____. "Review of *Guardians of the Flutes*." *Advocate*, 23 December 1982.
- _____. "Samois." *Encyclopedia of Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender History in America*, ed. STEIN, Marc, 67-69. New York: Scribner, 2004.
- _____. "Sexual Politics, the New Right, and the Sexual Fringe." *The Age Taboo*, ed. TSANG, Daniel, 108-15. Boston: Alyson, 1981.
- _____. "Sites, Settlements, and Urban Sex: Archaeology and the Study of Gay Leathermen in San Francisco 1955-1995." *Archaeologies of Sexuality*, ed. SCHMIDT, Robert; VOSS, Barbara, 62-88. London: Routledge, 2000.
- _____. "Studying Sexual Subcultures: The Ethnography of Gay Communities in Urban North America." *Out in Theory: The Emergence of Lesbian and Gay Anthropology*, ed. LEWIN, Ellen; LEAP, William, 17-68. Urbana: University of Illinois Press, 2002.
- _____. "Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality." *Pleasure and Danger*, ed. Carole Vance, 267-319. New York: Routledge and Kegan Paul, 1984.
- _____. "The Traffic in Women: Notes on the 'Political Economy' of Sex" *Toward an Anthropology of Women*, ed. Rayna R. Reiter, 157-210. New York Monthly Review Press, 1975.
- _____. "The Valley of the Kings." *Sentinel USA*, 13 September 1984.
- _____. "The Valley of the Kings: Leathermen in San Francisco, 1960-1990." Ph.D. diss., University of Michigan, 1994.
- _____. *Surveiller et Jouir: Anthropologie Politique du Sex*. Translated by MATHIEU, Nicole- Claude, BOLTER, Flora; MESLI, Rostom; BROQUA, Christophe. Paris: Éditions Psychanalytiques de l'École Lacanienne, 2010.
- SAHLINS, Marshall. "The Origin of Society." *Scientific American* 203 (1960): 76-87.
- _____. *Stone Age Economics*. Chicago: Aldine-Atherton, 1972. Salem, Randy. Chris. New York Softcover Library, 1959.

- _____. *The Unfortunate Flesh*. New York: Midwood Tower, 1960.
- Samois, ed. *Coming to Power: Writings and Graphics on Lesbian S/M*. Berkeley: Samois, 1981.
- _____. *Coming to Power*. Boston: Alyson, 1982.
- _____. *What Color Is Your Handkerchief A Lesbian S/M Sexuality Reader*. Berkeley: Samois, 1979.
- SIMON, William. 1999. "Sexual Conduct in Retrospective Perspective." *Sexualities* 2, no. 1 (1999): 126-33.
- SCHNEIDER, Beth; NARDI, Peter, eds. "John H. Gagnon and William Simon's *Sexual Conduct: The Social Sources of Human Sexuality*" *Sexualities* 2, no. 1 (1999): 113- 33.
- SIMON, William. "Sexual Conduct in Retrospective Perspective." *Sexualities* 2, no. 1 (1999): 126-33.
- SIMON, William; GAGNON, John N.. "Homosexuality: The Formulation of a Sociological Perspective." *The Same Sex: An Appraisal of Homosexuality*, ed. WELTGE, Ralph, 14-24.1967; reprint, Philadelphia: Pilgrim, 1969.
- SNITOW, Ann; STANSELL, Christine; THOMPSON, Sharon, eds. *Powers of Desire: The Politics of Sexuality*. New York: Monthly Review Press, 1983.
- SONENSCHEIN, David. "Homosexuality as a Subject of Anthropological Inquiry." *Anthropological Quarterly* 2 (1966): 73-82.
- STEIN, Arlene; PLUMMER, Kenneth. "I Can't Even Think Straight': 'Queer' Theory and the Missing Sexual Revolution in Sociology." *Queer Theory/Sociology*, ed. SEIDMAN, Steven, 129-44. Cambridge: Blackwell, 1996.
- THOMPSON, E. P. *Customs in Common*. New York: New Press, 1993.
- _____. *The Making of the English Working Class*. New York: Vintage, 1963.
- _____. "Time, Work-Discipline, and Industrial Capitalism." *Customs in Common: Studies in Traditional Popular Culture*, 352-403.1967. New York: New Press, 1993.
- TURNER, William B. *A Genealogy of Queer Theory*. Philadelphia: Temple University Press, 2000.
- VANCE, Carole. "Anthropology Rediscovered Sexuality: A Theoretical Comment" *Social Science and Medicine* 33.8 (1991): 875-84.
- _____. "Dubious Data, Blatant Bias." *Body Politic* 133 (18-19 December 1986): 18-19. "Hiss the Villain: Depicting Sex Trafficking." Lecture delivered at the School for American Research, Santa Fe, N.M., May 2005.
- _____. "Invitation Letter." September 1981. *Diary of a Conference on Sexuality*, ed. ALDERFER, Hannah; JAKER, Beth; NELSON, Marybeth, 1. New York: Faculty Press, 1982.
- _____. "Juanita/Svedana/Geeta Is Crying: Melodrama, Human Rights, and Anti-Trafficking Interventions." Owens Lecture, University of Rochester, Rochester, New York, 1 December 2006.
- _____. "Letter to the Editor." *Feminist Studies* 9, no. 3 (1983): 589-91.
- _____. "Meese Commission: The Porn Police Attack." *Gay Community News*, 27 July-2 August 1986, 3, 6,12.
- _____. "Misunderstanding Obscenity." *Art in America*, May 1990,49-55.
- _____. "More Danger, More Pleasure: A Decade after the Barnard Sexuality Conference." *Pleasure and Danger: Exploring Female Sexuality*, ed. Carole Vance, xvi-xxxix. 2nd edn. London: Pandora, 1992.
- _____. "Negotiating Sex and Gender in the Attorney General's Commission on Pornography." *Uncertain Terms: Negotiating Gender in American Culture*, ed. GINSBURG, Faye; TSING, Anna L., 118-34. Boston: Beacon, 1990.
- _____. ed. *Pleasure and Danger Exploring Female Sexuality*. New York: Routledge, 1984.
- _____. "The Pleasures of Looking: The Attorney General's Commission on Pornography vs. Visual Images." *The Critical Image: Essays in Contemporary Photography*, ed. SQUIER, Carole, 38-58. Seattle: Bay Press, 1990.
- _____. "Porn in the USA: The Meese

- Commission on the Road." *The Nation*, 2-9 August 1986, 1, 76-82.
- _____. "Reagan's Revenge: Restructuring the NEA" *Art in America*, November 1990, 49-55.
- _____. "Social Construction Theory: Problems in the History of Sexuality." *Homosexuality, Which Homosexuality?*, ed. ALTAIAN, D.; VANCE, C., et al., 13-34. London: Gay Men's Press, 1989.
- _____. "Thinking Trafficking." *GLQ* 17, no. 1 (2010): 135-43.
- _____. "The War on Culture." *Art in America*. December 1989, 39-45.
- VICE COMMISSION OF CHICAGO. *The Social Evil in Chicago: A Study of Existing Conditions*. Chicago: Gunthorpe-Warren, 1911.
- VICINUS, Martha. "Sexuality and Power: A Review of Current Work in the History of Sexuality." *Feminist Studies* 8, no. 1 (1982): 133-56.
- _____. "'They Wonder to Which Sex I Belong': The Historical Roots of the Modern Lesbian Identity." *Feminist Studies* 18, no. 3 (1992): 467-97.
- WALKOWITZ, Judith R. *City of Dreadful Delight: Narratives of Sexual Danger in Late-Victorian London*. Chicago: University of Chicago Press, 1992.
- _____. "Male Vice and Feminist Virtue: Feminism and the Politics of Prostitution in Nineteenth-Century Britain." *Powers of Desire: The Politics of Sexuality*, edited by SNITOW, Ann; STANSELL, Christine; THOMPSON, Sharon, 419-38. New York: Monthly Review Press, 1983.
- _____. "The Politics of Prostitution." *Signs* 6, no. 1 (1980): 123-35.
- _____. *Prostitution and Victorian Society*. New York: Cambridge University Press, 1980.
- WALKOWITZ, Judith; WALKOWITZ, Daniel. "We Are Not Beasts of the Field': Prostitution and the Poor in Plymouth and Southampton under the Contagious Diseases Acts." *Feminist Studies* 1, no. 3-4 (1973): 73-106.
- WEEKS, Jeffrey. *Against Nature: Essays on History, Sexuality, and Identity*. London: Rivers Oram, 1991.
- _____. *Coming Out: Homosexual Politics in Britain, from the Nineteenth Century to the Present*. London: Quartet, 1977.
- _____. "The 'Homosexual Role' after Thirty Years: An Appreciation of the Work of Mary McIntosh." *Sexualities* 1, no. 2 (1998): 131-52.
- _____. *Making Sexual History*. Cambridge: Blackwell, 2000.
- _____. *Sex, Politics, and Society: The Regulation of Sexuality since 1800*. London: Longman, 1981.
- _____. *Sexuality*. London: Tavistock, 1986.
- _____. *Sexuality and Its Discontents*. New York: Routledge and Kegan Paul, 1985.
- _____. "'Sins and Diseases': Some Notes on Homosexuality in the Nineteenth Century." *History Workshop* 1 (spring 1976): 211-19.
- WESTON, Kath. "Lesbian/Gay Studies in the House of Anthropology." *Annual Review of Anthropology* 22 (1993): 339.
- _____. *Long Slow Burn: Sexuality and Social Science*. New York: Routledge, 1998.
- WHITEHEAD, Harriet. "The Bow and the Burden Strap: A New Look at Institutionalized Homosexuality in Native North America." *Sexual Meanings: The Cultural Construction of Gender and Sexuality*, ed. ORTNER, Sherry B.; WHITEHEAD, Harriet, 80-115. New York: Cambridge University Press, 1981.
- WILLIAMS, F. E. *Papuans of the Trans-Fly*. New York Oxford University Press, 1936.
- WILLIAMS, Walter. *The Spirit and the Flesh: Sexual Diversity in American Indian Culture*. Boston: Beacon, 1986.
- WINKLER, John J. *The Constraints of Desire: The Anthropology of Sex and Gender in Ancient Greece*. New York: Routledge, 1990.
- ZORBAUGH, Harvey Warren. *The Gold Coast and the Slum: A Sociological Study of Chicago's Near North Side*. 1929. Chicago: University of Chicago Press, 1976.

